

Afro Afirmativa

ANO 8 • Nº 40 • AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

plural



A Majestade o Sabiá

BRADESCO. ELEITO O MELHOR INTERNET BANKING DO BRASIL PELA REVISTA GLOBAL FINANCE.*

- ◆ O Bradesco inovou, e agora tem um Internet Banking ainda mais simples e ágil. Acesse, conheça as novidades e fique lado a lado com essa tecnologia.



Página Inicial

Quinta-feira, 23/06/2011

Bradesco

Internet Banking

Saldos e Empréstimos

Meu Bradesco

Boa tarde, Nome do Cliente
Agência: 9999 Conta: 1111111-1111

Último acesso: 20/06/2011 09:00
Número do Acesso: Nº 1111
E-mail: cliente@servidor.com.br

Mais Utilizadas

- > Conta-Corrente: Saldo
- > Conta-Corrente: Extrato (Últimos Lançamentos)
- > Conta-Corrente: Lançamentos Futuros
- > Contas: Boleto de Cobrança
- Contas:água, Luz, Telefone e Gás
- Contas: Para Contas Bradesco

Bradesco Internet Banking 4002 0022



Baixe um leitor de QR Code em seu celular e aproxime o telefone do código ao lado.

bradesco.com.br

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvintes: 0800 727 9933

de Junho de 2011 Tempo restante: 46min

[Extratos](#) [Pagamentos](#) [Transferências](#)

[Investimentos](#) [Home Broker](#) [Capitalização](#)

[Página Inicial](#)

Posição Financeira (R\$)

Saldo Total (A+B+C+D)	7.221,23
Límites de Crédito	3.000,00
Investimentos	10.535,69
Gastos com Cartão de Crédito	1.689,15
Capitalização	685,00

[Lançamentos Futuros \(R\\$\)](#)

Data	Lançamento
24/06/2011	Salário 6.200,00
	Pagamento de Boleto -1.000,00
27/06/2011	Água, Luz, Telefone e Gás -50,00 "Água - casa da praia"

[Segurança](#)

SAC - Alô Bradesco 0800 704 8383

[Mapa de Serviços](#)

Central de Apoio ao Internet Banking
3003-0237
Capitais e Regiões Metropolitanas

[Canais de Atendimento](#)

0800-701-0237
Demais regiões

[Fale Conosco](#)

Ouvidoria Bradesco 0800 727 9933

[Pesquisar:](#) [OK](#)

[Cartões](#) [Celulares](#)

[Vida e Previdência](#) [Outros Serviços](#)

[Personalizar sua página inicial](#) [Ocultar valores](#) A A A

Novo Bradesco Internet Banking

Clique aqui e confira as novidades!

Apoio e Atendimento

Telefones Bradesco

Contate seu Gerente

Dicas de Segurança

Veja como ocorrem as fraudes e defenda-se delas. [Saiba mais.](#)

Entrevista Especial	
Luiz Pilar	8
Troféu Raça Negra	
Lançamento Troféu 2011	14
Capa	
Majestade o Sabiá – José Vicente	22
Minha alma é negra – Jair Rodrigues	26
Cidadania	
O ideal e o imaginário: Zumbi em destaque	38
Consciência Negra	
Oportunidade para todos – Geraldo Alckmin ...	46
Deus-Poeta – Carlos Ayres Britto	50
Igualdade para todos – Sérgio Cabral	52
A prefeitura e os negros – Gilberto Kassab	54
Uma proposta de justiça social para o Brasil – Eduardo Matarazzo Suplicy	56
A história oficial nem sempre retrata a verdade – Leci Brandão	60
Valeu Zumbi – Elói Ferreira de Araújo	62
Especial	
Frente Negra completa 80 anos	66
Educação	
Desigualdade na educação – Flávia Piovesan	70
Educação para todos	74
Perfil	
Feliz Aniversário Ruth de Souza	76
A mais bela é negra – Leila Lopes	78
Força feminina – Prêmio Nobel da Paz 2011	82
Turismo	
Reduto dos Obama – Chicago	86
Opinião	
Machado de Assis e as ferramentas digitais – Rosenildo Gomes Ferreira	92
Afirmativo	
Um dia para reforçar a consciência afro-brasileira – Luiz Inácio Lula da Silva	94
Preto e Branco	
Wangari Maathai	98

Índice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmares Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 8, Número 40 - Av. Santos Dumont, 843 - Bairro Ponte Pequena - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01101-080 - Tel. (55 - 11) 3325-1000. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Cristina Jorge • Nanci Valadares de Carvalho • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14.845 - francisca@afrobras.org.br).

FOTOGRAFIA: J. C. Santos e Divulgação.

COLABORADORES: Eliane Almeida e Silvana Silva.

EDITORIA: Rejane Romano (Mtb. 39.913 - rejane@afrobras.org.br)

REDAÇÃO: Vivian Zeni (Mtb. 51.518 - vivian@afrobras.org.br), Ivone Ferreira (Estagiária - ivone@afrobras.org.br)

ASSINATURA E ANÚNCIOS: Rejane Romano (rejane@afrobras.org.br) • Tel. (11) 3325-1000.

PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação Tel.(11) 3325-1000.

CAPA: Imagem de Divulgação/Arquivo TIM

EDITORAÇÃO: Alvo Propaganda e Marketing (revistas@alvopm.com.br) • Tel. (11) 4325-0605.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Vox Editora.

Salve Zumbi!

Esta edição da Afirmativa Plural procura fazer uma reflexão do mês da Consciência Negra, quando lembramos nosso Herói negro maior – Zumbi dos Palmares. Ainda presa ao imaginário está a imagem do negro como tendo seu lugar marcado na sociedade, à margem.

Nesta edição relembramos nossos ascendentes quando há exatos 80 anos, era criada a Frente Negra Brasileira, uma das primeiras organizações no século XX a exigir igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade do País. A organização tinha por objetivo desenvolver diversas atividades de caráter político, cultural e educacional para os seus associados. Realizava palestras, seminários, cursos de alfabetização, oficinas de costura e promovia festivais de música.

Criada em 16 de setembro de 1931 na cidade de São Paulo,

sil, pouco sabemos, pois os negros só ganham espaços na mídia nacional em algumas datas específicas: 13 de Maio e 20 de Novembro. Em Maio, nada foi divulgado sobre o que o nosso país fez a esse respeito. Vamos esperar o dia 20... quem sabe?

As conquistas andam a passos lentos, mas já acontecem. Por exemplo, o 60º título de Miss Universo 2011 teve em primeiríssimo lugar a Miss Angola, Leila Lopes, que desbancou as outras 88 mulheres, ocupando o posto de mulher mais linda do mundo, única negra a estar entre as finalistas.

Não deixando por menos, três mulheres, duas negras e uma de origem árabe, ganharam o Prêmio Nobel da Paz 2011, pelos significativos feitos em seus respectivos países em prol dos direitos humanos e da democracia.

O prêmio, outorgado pelo Instituto Norueguês do Nobel,

a Frente ganhou adeptos em todo o Brasil. Estima-se que a Frente Negra Brasileira tenha chegado a aproximadamente cem mil membros em todo o País.

Para a Igreja e para os europeus, os africanos eram naturalmente inferiores, equivalentes a animais e sem alma. E eles não deviam reagir. Isso lá fora, por que aqui no Brasil, passividade nunca foi nossa característica e muito menos do líder palmarino Zumbi. Tanto que o mais jovem general da história tinha 17 anos quando se tornou o principal organizador das tropas palmarinas.

Hoje, temos muitos “Zumbis”, na maioria das vezes anônimos, mas que fazem com que obtenhamos conquistas em muitos campos da sociedade. Ainda falta muito, mas estamos caminhando.

Mas em pleno século XXI, muitos ainda acreditam que nós negros somos inferiores e, com isso, a nossa situação ainda é de inferioridade e miséria, em todo o mundo. Com o objetivo de melhorar esse quadro, a ONU decretou 2011 como o Ano Internacional do Afrodescendente. Se algo foi feito nesse sentido, principalmente aqui no Bra-

contemplou a Presidente da Libéria Ellen Johnson Sirleaf, primeira mulher a assumir a presidência de um país africano e considerada pela Revista Forbes a africana mais influente do continente. Ganham também a liberiana Leymag Roberta Gbowee e a jornalista iemenita Tawakkol Karman. Nesta edição, trazemos também autoridades e personalidades que nos prestigiam com seus artigos e poesia, numa homenagem e reflexão ao Herói Nacional, Zumbi dos Palmares.

E como não poderia deixar de ser, neste mês realizamos nossa tradicional entrega do “Oscar” da comunidade negra: Troféu Raça Negra, em sua nona edição e que homenageia Jair Rodrigues. Sua música, sua voz e sua poesia que sempre nos levam para lugares inimagináveis. E como diz nosso presidente da Afrobras, José Vicente em seu artigo, “Jair é luz e melodia, é simplicidade e alegoria. É o nosso Sabiá”.

Tenham uma boa leitura.

Sem Educação, não há Liberdade!

*Francisca Rodrigues,
Editora Executiva.*

ditorial



0800-703 FORD
3678

Cinto de segurança salva vidas.



O QUE FICA PARA A
HISTÓRIA SÃO OS FEITOS
DE UMA PESSOA.

Viva a contribuição
de todas as etnias.

20 de novembro,
Dia da Consciência Negra.



OS negros *continuam* na Cozinha das novelas

Por Silvana Silva

Carioca, 50 anos, criado na zona oeste do Rio de Janeiro ao som da bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, sua primeira opção profissional foi medicina, mas acabou descobrindo no teatro a verdadeira vocação. Hoje, apesar de reconhecido produtor e diretor de cinema e TV, Luiz Pilar ainda vê no teatro a expressão mais pura do trabalho do ator e diretor. Na extinta Rede Manchete, Pilar esteve à frente das novelas Mandacaru e Brida. Na Globo, entre outros trabalhos, dirigiu Sinhá Moça, o programa Big Brother Brasil, a novela Desejo Proibido e Malhação. Re-

centemente, no teatro, dirigiu o espetáculo “Método Gronholm”, com Lázaro Ramos e Thaís Araújo. Afro-brasileiro, Luiz Antônio Pilar realizou vários trabalhos com temática racial e destrói a ideia de que os negros já não estão confinados na “cozinha das novelas”. Pilar não é médico, mas seu ritmo é semelhante ao de um pronto-socorro. Afirmativa Plural conseguiu ouvir o diretor entre duas reuniões e no trajeto para o aeroporto.

Afirmativa Plural – De medicina para o teatro cinema e TV? Como foi isso?

Pilar – Fiz o ensino médio técni-

co. Patologia Clínica. Desenvolvi até o “método Pilar” de coleta de sangue. Mais demorado para acalmar os medrosos, principalmente as mulheres. Depois de testemunhar, durante um estágio, a morte de uma parturiente e o bebê recém-nascido, desisti. Aquilo não era para mim. A opção pelo teatro surgiu, depois de assistir a uma peça. Fiquei encantado. Fiz um curso para atores, mas não era ainda o que eu queria. Decidi estudar direção. Me formei na UNIRIO e des-de cedo comecei a me autoproduzir.

Afirmativa Plural – Em tese, para um iniciante, há mais espaço para os atores.

entrevista especial



Os cargos de direção são mais restritos. Qual a razão dessa escolha?

Pilar – Se pensarmos do ponto de vista quantitativo, sim, mas quando percebi as limitações impostas ao ator negro e a possibilidade de me autoproduzir, achei a direção mais interessante.

Afirmativa Plural – *Hoje, é possível observar que atores negros não estão mais restritos a papéis de empregados domésticos, escravos, marginais. Isso mudou?*

Pilar – Pelo contrário, acho que a situação, hoje, é pior. A qualidade dos personagens interpretados por negros caiu. Não se vê mais um personagem como o psiquiatra interpretado por Milton Gonçalves, numa novela da Janete Clair (Dr. Percival Garcia, em *Pecado Capital*). São personagens vazios, completamente distantes da realidade. Veja o caso do André, de *Insensato Coração*. Acabou sendo rejeitado pelo público. Não por culpa do Lázaro Ramos, mas porque não existe homem como aquele que, correndo na Lagoa (Rodrigo de Freitas), seduz e leva uma mulher para a cama todos os dias só com o olhar. Nem o George Clooney é capaz disso. É um vilipêndio contra o homem, o negro em especial, e à própria mulher. Essa foi a primeira vez que vi a destruição de um herói. Quando você tem um personagem fundamental, cujas características sociais são negras, ele acaba interpretado por um branco.

Afirmativa Plural – *Explica melhor isso.*

Pilar – Se pensarmos que *A Grande Família* é típica do subúrbio carioca, com características atribuídas aos negros, indolente, malandro; que tem uma dona de casa chamada por Nenê, apelido de negra, ela não

representa a realidade. No seriado *Força-Tarefa*, temos o coronel Caetano, interpretado pelo Milton Gonçalves, e o tenente (galã) Wilson com o Murilo Benício. Observe os onze policiais acusados da morte da juíza Patrícia Acioli. Não tem nenhum galã, são todos tipos brasileiros, mestiços.

Afirmativa Plural – *Isso não é necessário para atrair o público? Isso não é permitido na dramaturgia?*

Pilar – Não sei se a TV Brasilei-

|| A qualidade dos personagens interpretados por negros caiu. Não se vê mais um personagem como o psiquiatra interpretado Por Milton Gonçalves, numa novela da Janete Clair (Dr. Percival Garcia, em *Pecado Capital*). São personagens vazios, completamente distantes da realidade. ||

ra precisa disso. No cinema, na TV americana não observamos isso. Lá, a sociedade está representada com seus fenótipos, biótipos. Acho que essa é a crueldade imposta pela TV Brasileira. Nós acabamos achando que isso é necessário quando não é.

Afirmativa Plural – *A escalção de atores negros em alguns casos seria apenas um ato “politicamente correto”? O preconceito ainda existe?*

Pilar – Os autores, em geral, não escrevem pensando no ator negro e

politicamente correto não quer dizer sem preconceito. Às vezes escalam dois, três atores negros por obrigação. Pessoalmente, passei por duas situações que deixam o preconceito evidente. Numa ocasião, entrando no estúdio fui barrado por um segurança me alertando de que deveria esperar “o diretor”. Não se espera que um diretor seja negro. Em outra ocasião, fui escalado para recepcionar um ator. Cheguei antes e num determinado momento o ator disse que esperava pelo Pilar. Não me conhecia e certamente imaginava que fosse branco.

Afirmativa Plural – *Na música e no teatro isso é diferente?*

Pilar – Na Música Popular Brasileira realmente temos vários expoentes negros, mas música não tem cor e, talvez, por isso não se discuta a cor dos compositores e intérpretes, mas no teatro quantos atores negros estão em cartaz? Qual foi a última peça que você assistiu com atores negros?

Afirmativa Plural – *Você é favorável às cotas?*

Pilar – Sou favorável às cotas para negros em qualquer situação. Nesse país, só tem dinheiro, quem ganhou cota, desde as capitâncias hereditárias. Não é possível que um grupo de imigrantes chegue aqui, com uma mão na frente e outra atrás e, depois, se torne dono do país, se não tivesse no passado, quando chegou, incentivos, investimentos. Ninguém é melhor do que ninguém. A questão é dar oportunidade. Nós não tivemos nenhum tipo de resarcimento. Trabalhamos 300 anos de graça e nunca tivemos nenhuma benesse. A TV brasileira é cheia de cotas. É cheia de filho, do filho, do filho... da mulher, da mulher... Isso é cota. O que

falta para a comunidade negra são relações. Eu não tenho nenhum tio ou amigo íntimo cujo pai é presidente de um banco ou grande estatal que possa me dar um patrocínio. Isso se consegue através de relações. É cota. É privilégio. Nós pedimos cotas nas coisas mais sublimes. Queremos cota na universidade e qualquer garoto, branco ou negro, que consegue terminar essa escola falida e chega ao terceiro grau, já tem algum mérito.

Afirmativa Plural – E quando defendem a cota para os pobres?

Pilar – Ok. Nós somos maioria. Ainda assim nós vamos ganhar.

Afirmativa Plural – Hoje você está se dedicando ao cinema, ao documentário “Remoção”. É mais uma autoprodução?

Pilar – É um documentário, longa-metragem, que está sendo produzido com incentivos fiscais da lei de incentivo à cultura do Rio de Janeiro. Vamos tratar do processo de remoção das favelas da zona sul do Rio, entre as décadas de 60 e 70, que geraram os chamados conjuntos habitacionais. Vamos falar da favela Praia do Pinto, do Leblon; do Parque Proletariado, da Gávea; da Ilha das Dragas e do Morro da Catacumba, na Lagoa; do Plasmado, em Copacabana; da Mamedo Sobrinho, em Botafogo, que deram origem aos conjuntos habitacionais: Cidade de Deus, o mais famoso, ao Dom Eugênio Câmara, o maior conjunto habitacional da América Latina, Vila Aliança e o Vila Kennedy, financiado pelo governo americano.

Afirmativa Plural – Essas remoções não contribuíram para a melhora da qualidade de vida das pessoas?

Pilar – Isso representou uma melhora no habitat, na casa. O sujeito sai do barraco e vai para um apar-



tamento com sala, quarto, cozinha e banheiro, mas num lugar completamente ermo, sem escola, sem trabalho. Na zona sul, o indivíduo tinha trabalho, estava perto de tudo e, de repente, a 46 km do seu local de origem, tem que pagar prestação da casa, água, luz, duas conduções. Isso não melhorou em nada a vida dele, até porque o projeto final era ‘limpar’ a paisagem do Rio de Janeiro.

Afirmativa Plural – Essas remoções estão associadas à violência?

Pilar – Está mais que provado que, para qualquer cidade, de qualquer lugar do mundo, é preciso conjugar nos mesmo espaço classes altas, médias e baixas, e não segregar como se fez em São Paulo e no Rio de Janeiro. E, hoje, se temos um alto índice de violência é muito em função disso. Uma classe completamente desconhecida e não se relacionando com a outra. Não conhece, não sabe as necessidades, não tem respeito, mas nesse momento eu estou focado mais na questão da habitação porque esse é um assunto sempre em pauta.

Afirmativa Plural – O mercado para documentários não é restrito?

Pilar – No Brasil, o documentário vem ganhando cada vez mais espaço. Por ser um país continental e

injusto há muito que explorar, contar, documentar e isso gera muita dramaticidade. Além disso, o surgimento das mídias leves democratiza o acesso às produções e, com a lei que exige o aumento gradativo das produções nacionais na TVs a cabo, esse mercado tende a crescer cada vez mais.

Afirmativa Plural – Você também vai dirigir a cerimônia de entrega do Troféu Raça Negra. O que isso representa para você?

Pilar – É um caso raro em que o diretor, a produção, quem paga, quem contrata é negro. Isso gera uma enorme cumplicidade entre toda a equipe

Afirmativa Plural – Como alguém que se autoproduz você tem uma noção exata de custos, planejamento, cronograma, orçamento. A produção cultural para muitos é cara. Por que?

Pilar – É uma ciência com trabalho. É uma atividade prazerosa, sem dúvida, mas que demanda um custo que a sociedade não prevê. Nossa profissão é cara. Nós precisamos ler, viajar, frequentar teatro, cinema, precisamos estar bem informados. O que para muitos é só diversão, para nós é trabalho. Nós precisamos nos relacionar e, para isso, precisamos de oportunidades. ■

**Em 2006, eu fiz
este anúncio
do “Ouvir Você”.**



Acesse o QR code
e saiba mais em
itau.com.br/pravc



Não é de hoje que o Itaú muda para ser um banco cada vez mais feito para a gente.

**Conheça o que o Itaú fez ontem e faz hoje
para ser um banco mais sustentável para você.**

- **Alertas por SMS:** para você acompanhar melhor suas movimentações financeiras.
- **Contratos mais simples:** os contratos de cartão de crédito estão mais resumidos e mais claros.

Saiba mais em itau.com.br/pravc

**Quando o assunto é
respeito ao consumidor,
nós gostamos de
ouvir a opinião de um
especialista: você.**

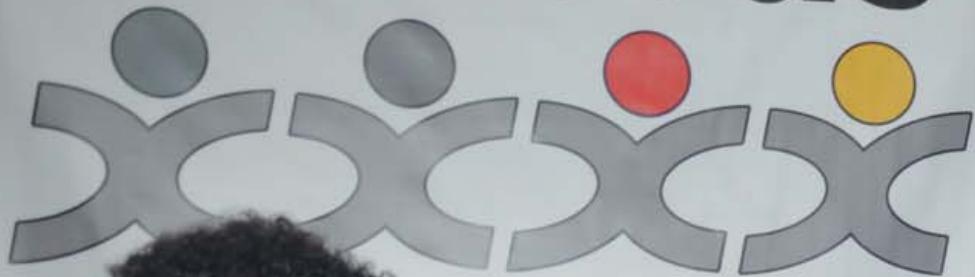
Para o Itaú, o importante é ter uma relação de confiança, transparência e respeito com seus clientes. Por isso, investiu nos mais diversos canais de comunicação para identificar necessidades, criar soluções e ouvir cada cliente. E é a partir de cada uma dessas conversas que o Itaú promove melhorias e se torna, cada dia mais, um banco feito para você.

O mundo muda.
O que não muda é o respeito
do Itaú por você.
Itaú. Feito para você :-)



lançamento troféu 2011

afrobras



Se liberdade



Da esquerda para a direita: Wilson Simoninha, Zezé Motta, Priscila Marinho, Quitéria Chagas, Jair Oliveira, Chica Xavier e Elói Ferreira Araújo

Troféu Raça



Negra 2011

*Por
Rejane Romano*



Marcos Simões - Vice-presidente Coca-Cola Brasil.



Mussunzinho.

Artistas, personalidades, ícones da cultura negra... Todos juntos para celebrar o lançamento oficial da 9ª edição do considerado “Oscar” da comunidade negra. Única premiação brasileira que dá voz e voz para que negros e negras, das mais diversas áreas possam ter suas artes e empenho reconhecidos.

No tradicional almoço realizado na sede da Coca-Cola Brasil, no Rio de Janeiro, na presença das cantoras Zezé Motta, Sandra de Sá e o Grupo Bom Gosto, os atores Nando Cunha, Roberta Rodrigues, Chica Xavier, Priscila Marinho, Douglas Silva, o medalhista olímpico Robson Caeta-

no, a atriz Quitéria Chagas, entre outros, foi divulgado o formato da premiação em 2011 e apresentado em primeira mão a lista de indicados, que inclui desde feras há muito consagradas na televisão brasileira e que ainda continuam atuantes e atores da nova geração, que cada vez mais desparam para o sucesso.

O vice-presidente da Coca-Cola Brasil, Marcos Simões, fez questão de comparecer para dar as boas vindas.

“Fiz questão de vir aqui pelo 6º ano consecutivo para o lançamento de mais um troféu que continua sendo uma premiação importantíssima em nosso país”, ressaltou o vice-presidente.

A diva da interpretação, a atriz Chica Xavier, que compareceu acompanhada dos netos, também atores, Luana e Ernesto Xavier, relatou sua emoção por conta do homenageado ser o cantor Jair Rodrigues.

“Sou veterana nesta casa e fiquei felicíssima quando soube que o homenageado deste ano é o Jair Rodrigues. Ele é um dos meus cantores prediletos, da época que torcíamos pelos cantores nos festivais. Já torci muito por ele”, disse Chica, sendo ovacionada pelos presentes.

De fato elogios não faltaram à iniciativa da organizadora do evento, a Afrobras – Sociedade Afrobrasileira de



Jamelão Neto e Maíra Freitas.



Wilson Simoninha, Cinara Leal, Luiz Pilar e Sandra de Sá.

Cada garrafa tem uma história.

Tião Santos

Tião cresceu vendo a família trabalhando duro no lixão. Acreditou num futuro melhor e hoje é o presidente da associação dos catadores do Jardim Gramacho.

"Quando fundei isto aqui, debocharam da minha cara, todo mundo dizia que não ia dar certo. Se você quer algo, todo dia tem que acordar e dormir com seu objetivo na cabeça." Com o apoio a histórias como a do Tião, há 15 anos, a Coca-Cola Brasil contribui para alavancar os índices de reciclagem no país. Hoje, são mais de 200 cooperativas apoiadas com equipamentos e capacitação em gestão, gerando inclusão social e renda para milhões de famílias. Como diria o Tião, é apenas o início de uma história sem fim.

**"Onde existia fim,
eu vi um começo."**



Coca-Cola Brasil

Veja por que Tião acredita em um mundo melhor em vivapositivamente.com.br



Grupo Bom Gosto.



João Domenech - Diretor de Comunicação da Coca-Cola Brasil.

Desenvolvimento Sócio Cultural, ao escolher Jair como grande homenageado para a celebração deste ano. Por isso, o diretor global, Luiz Pilar, que estará à frente da missão de também dirigir o Troféu 2011 falou sobre a responsabilidade que tem em mãos.

“É a segunda vez que dirijo este evento, que cumpre a missão de não só nos homenagear, mas também de nos aproximar. O Troféu é a insistência da manutenção que nós precisamos para estamos cada vez mais juntos. E o Jair é um artista de ponta, um dos mais importantes artistas no cenário musical. Representa o movimento da música brasileira, dos festivais com

Disparada, depois no samba com *Tristeza* e no sertanejo com Chitãozinho e Xororó. Não satisfeito ainda fez Jairzinho e Luciana! Preparem seus corações, pois a gente vai saudar Jair Rodrigues”, explicou Pilar.

Os diretores musicais desta edição também revelaram quanto ao empenho para garantir a alegria de Jair durante o show.

“Mais uma vez fui convocado a contribuir. Para mim está sendo muito prazeroso, ainda mais trabalhando junto com o Jair Oliveira. Somos sócios, amigos, trabalhamos juntos... E fazendo para Jair Rodrigues é emocionante, pois amo esse negão!”, res-

saltou Simoninha.

“Eu fico dupla, tripla, nem sei quantas vezes ‘mente’ feliz, pois sabemos da importância deste prêmio para nós negros. Só o fato de dividir a direção com o Simoninha e com o Pilar é uma alegria. E homenagear meu pai, que ainda planta bananeira no palco no final do show até hoje, é uma honra. Vamos levar um pouco desta alegria para o show e uma dificuldade está sendo reduzir a história dele a 8, 9 apresentações musicais... Tenho certeza que no dia 13 de novembro, na Sala São Paulo, será um dia marcante para todos nós”, declarou Jair Oliveira.





Robson Caetano e Roberta Rodrigues.

Representando a nova geração de artistas que vem conquistando cada vez mais espaços, a atriz Priscila Mairinho falou da emoção em participar da festa. “Estar aqui é muito bom, pois tenho a oportunidade de encontrar meus ídolos e amigos. Muito mais que a disputa, estar no Troféu nos dá a oportunidade de encontrar os amigos e quando um de nós vence todos ficamos felizes. Ter ganho o Troféu foi a coisa mais emocionante que já aconteceu na minha vida. Estou com meu negão lá em casa”, disse a atriz referindo-se à estatueta do Troféu com a qual foi premiada na categoria de melhor atriz em 2010.

Robson Caetano é um grande entusiasta do evento: “Essa é apenas a 9ª edição do Troféu Raça Negra e nós temos uma história que data de muito antes disso. Temos um resgate de nossa história através do Troféu, onde conseguimos valorizar o que o negro tem de melhor que é toda garra, toda raça, toda determinação... Além disso, o importante é fazer com que os jovens negros e mestiços, possam se espelhar em grandes nomes da comunidade negra. Temos que homenagear aqueles que realmente tem um peso na sua área e Jair Rodrigues tem o seu valor, além de ser uma figura humana fantástica”, enfatiza o medalhista.

Com sua alegria contagiante, a cantora Sandra de Sá, ficou muito feliz com a homenagem a ser feita para o Jair Rodrigues: “Acho que tem que ter prêmio pra caramba, tem muita gente pra ser homenageada. É altamente justo homenagear o Jair. Deixe que digam, que pensem, que falem, agente está fazendo a nossa parte” diz a cantora.

A reunião de amigos terminou em tom de expectativa sobre como será a grande festa do Oscar negro, mas com uma certeza: a credibilidade de saber que pela 9ª vez o Troféu Taça Negra irá exaltar a raça negra, a raça humana. ■



Francisca Rodrigues e Wellington Silva, Diretor de Marketing e Conteúdo da Oi.



Da Ghama, Douglas Silva e esposa.

GREY

Mercedes-Benz, marca do Grupo Daimler.



Respeite a sinalização de trânsito.



Na Mercedes-Benz, as diferenças fazem toda a diferença.

Para nós, a diversidade é essencial. A mistura de pessoas, culturas e crenças dentro da empresa contribui para a excelência. Quanto mais pontos de vista diferentes, mais ideias inovadoras. Na Mercedes-Benz, todos são um só e possuem um objetivo em comum: a qualidade acima de tudo.



Mercedes-Benz



Majestade O Sabiá

*Por José Vicente

“Turdus rufriventis” esse é nome do Sabiá, bravo símbolo do nosso país. São os vinte e cinco centímetros mais potentes que temos conhecimento e, cujo canto inconfundível e insuperável nos deita enternecido. É seu canto que embala a primavera, a estação do amor, que acaricia as flores, desfibrila os cora-

ções dos amantes e sugestiona a inspiração dos poetas. Um verdadeiro princípio, sua majestade, o Sabiá.

A noite que se aproxima será de homenagem ao nosso querido cachorrão. Afinal, são muitos anos de estrada cantarolando a alma nacional. Uma vida de magia, de encanto e de alegria, na defesa e pro-

pagação da música nacional. Uma vida longa e de muitas bonitas histórias. Uma vida de crença, confiança e dedicação. Uma vida de louvor ao talento, de aplicação à técnica e aos desafios da superação.

Quantas milhas de rodagem, quanta poeira de estrada, quantas noites mal dormidas, quanta sau-

dade da filharada. Um canto que cantou pra noite, as noites que cantou pros dias, quanta lembrança, quanta magia, quantos sonhos e quantas folias.

Jair Rodrigues é o motivo da nossa festa, porque ele nos acordou muito melhor cada dia das nossas complexas e contraditórias vidas. Sua música, sua voz e sua poesia nos levaram para lugares inimagináveis, e nos trouxe de volta quando não queríamos mais voltar.

E ele insiste para que preparamos nossos corações para as coisas que quer nos dizer. Mas, o que ele quer nos dizer já sabemos à exaustão. Eu venho lá do sertão e posso não te agradar. Impossível, nem se viesse de Marte. Jair é luz e melodia, é simplicidade e alegoria. É o nosso Sabiá.

Duma boiada que já foi boi é também o cantador, o cancionero que dembrutece a alma e que nos lembra que a vida é essa só. É aço forte, é relva fria, e, que o sentimento é coisinha amena que não vale a pena se não for intenso. Que o amor a gente perde sempre, mas, se acreditar bastante, logo se encontra outro bem ali.

Jair é assim, simples complexo, convergente e desconexo, sentido e abstração. Um príncipe das nossas vidas que encheu nossos cantos com seus cantos e encheu de luz o nosso torpor. Fosse a manhã fria ou as noites vazias nunca nos deixou sós. É cachorrão... a vida não teria muita graça sem você!! Nossa sorriso de menino, nosso anunciador da primavera: nossa Majestade Sabiá. ■

*José Vicente, presidente da Afrobras e reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares.

Foto: Marcello Vitorino - Fullpress



*Prepare
o seu
coração...*

Patrocínio:



Apoio:



O Troféu Raça Negra, um dos mais importantes reconhecimentos às pessoas de todas as raças que lutam pela valorização e inclusão social do negro no país, chega à sua 9ª Edição. Este ano, a cerimônia celebra Jair Rodrigues, um dos maiores nomes da música brasileira.

TROFÉU **RAÇA NEGRA** 2011



Uma homenagem à raça do negro brasileiro.

Realização:



FACULDADE

ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

afrobras

Sem Educação Não Há Liberdade

capa



Foto: Ike Levi

“minha
alma é
negra”

Por Silvana Silva

Sim, a alma é negra e, como diz a letra de Lula Barbosa interpretada pelo próprio cantor e a filha Luciana, o astral é colorido, arco-íris, espalha alegria, axé e amor. Elétrico, bem humorado, essas são algumas das impressões que Jair Rodrigues de Oliveira deixa por onde passa. Essas foram as mesmas impressões que tivemos ao ouvi-lo. O tempo passa, mas Jair Rodrigues não muda, aperfeiçoa o dom que já o destacava desde a infância, nas festas infantis e na igreja frequentada pela família em Igarapava, na divisa com Minas Gerais.

Aos 15 anos, morando em São Carlos, Jair Rodrigues participava de apresentações e shows de calouros na rádio da cidade. No quartel onde serviu o Tiro de Guerra, o soldado atirador nº134 ficou conhecido mesmo pela voz. Já atuava como crooner, mas para Jair o sucesso estava em São Paulo e foi com o apoio do irmão mais velho, Jairo, que chegou à capi-



Fotos: arquivo pessoal

tal em 1960. Participava de programa de calouros nas rádios. Na Rádio Cultura, foi o primeiro colocado entre os calouros do Programa de Cláudio de Luna. Jair estava certo, o caminho do sucesso passava por São Paulo. Dois anos depois, gravou seu primeiro disco (lembra dos antigos 78 rotações? Aquele mesmo) com duas músicas para a Copa do Mundo, realizada no Chile e vencida pela equipe canarinho: "Brasil Sensacional" e "Marechal da Vitória". O "marechal", no caso, era Paulo Machado de Carvalho, dirigente esportivo e fundador da TV Record, a emissora que mais tarde teria Jair Rodrigues



em seu *cast* de estrelas.

Jair chegou a participar de programas na TV Excelsior e do Festival de 65 organizado pela emissora. Naquele ano, *Moça na Janela*, composta por Capiba e interpretada por Jair, sequer foi classificada. Elis Regina venceu o festival cantando *Arrastão*. A dupla estava ainda começando a carreira, mas um já reconhecia o talento do outro. Coube a Elis a aproximação. Ela pediu um autógrafo do cantor de quem dizia gostar muito, assim como a família. Pouco depois, Jair Rodrigues substituiu Baden Powell num show realizado no Teatro Paramount e cantou com Elis

Regina com quem acabou gravando o LP "Dois na Bossa". Com essa parceria, a dupla começou a aparecer em vários programas como o Almoço com as Estrelas, apresentado por Airton e Lolita Rodrigues. Jair confessa que gostava muito do programa. A comida era de verdade e farta. Era convidado constante do casal. Airton o apelidara de "Cachorrão". Elis era a "Pimentinha". Foi Airton Rodrigues quem desafiou a dupla a improvisar e cantar, sem acompanhamento. O quadro deve ter inspirado "O Fino da Bossa", programa lançado logo depois pela TV Record. Apresentado por Jair Rodrigues e Elis Regina, a produção durou cerca de três anos e foi tão marcante que muitos os viam como dupla e não como intérpretes independentes. O cantor fala com prazer dessa época e da sintonia que tinha com Elis. Terminava um programa e já recebia o *script* do próximo, mas tinha liberdade para improvisar.

Prepare seu coração pra coisas que eu vou contar...

O rapaz de Igarapava aos poucos ia conquistando espaço, mas faltava ainda a música que incluiria seu nome na história da música popular brasileira, como havia lhe dito o cantor Silvio Caldas. O que ninguém sabia era quando e como essa música chegaria às mãos de Jair Rodrigues. Chegou por acaso. No festival de 1966 da Record, Jair cantaria uma música do Paulinho da Viola e do Capinan. Tratava-se de *Canção para Maria* que acabou classificada em quarto lugar. *Disparada* inicialmente seria apresentada por Geraldo Vandré que a compôs em parceria com Teófilo de Barros, mas às vésperas do festival

Foto: Livro Record 50 anos

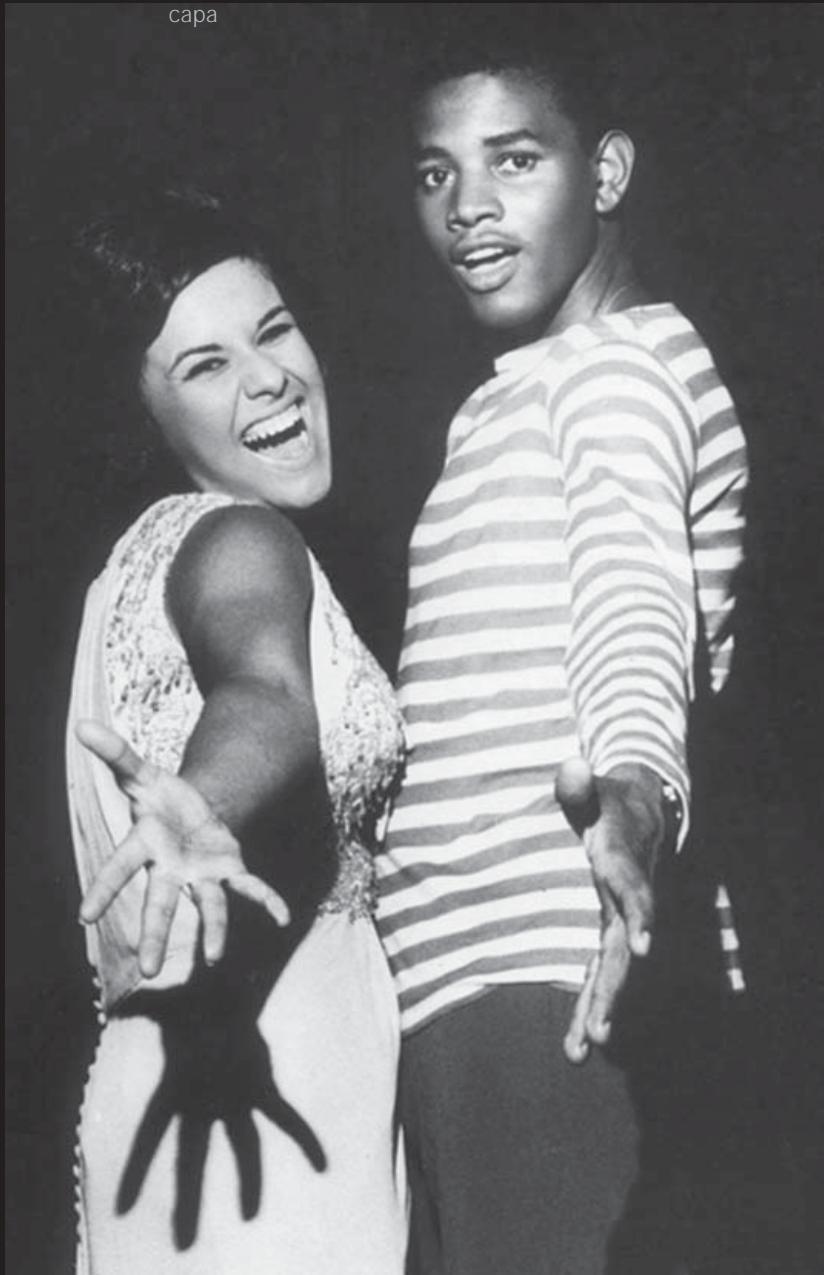


Foto: arquivo pessoal



Vandré precisou viajar e Wilton Acioly deu a música para Jair Rodrigues cantar. "O Vandré me conhecia do Fino da Bossa, mas nunca tinha me visto cantar sério. Ficou receoso. Foi convencido pelo Acioly, do Trio Marayá, que me conhecia da noite."

O cantor lembra que ouviu a música pela primeira vez no apartamento onde morava com a mãe, no centro da cidade. Na metade da música, Dona Conceição saiu da cozinha anunciando que, se cantasse aquela música, ganharia o festival. Não foi só Dona Conceição que gostou, até os vizinhos aplaudiram a nova música e a previsão se cumpriu.

Disparada e *A Banda*, de Chico Buarque, dividiram toda a atenção do público. Na noite da finalíssima, nas cidades onde chegava o sinal da Record, todas as atenções pareciam voltadas para o Festival. Imagine tudo isso acontecendo numa época sem internet ou twitter. A TV era a fonte de todas as atenções. O teatro ficou

Foto: Livro Record 50 anos



“É uma honra e alegria muito grande falar sobre o meu grande irmão Jair Rodrigues. Já é uma irmandade de quase 50 anos eu teria tantas coisas boas e pitorescas para dizer desse nosso convívio que daria para escrever um livro. Uma das coisas importantes que gostaria de citar aqui, é que ele foi o primeiro músico que acreditou no meu talento de compositor, gravando a música *Cidade Grande*. Com isso passei a ser mais respeitado fora do mundo do futebol. Umas das passagens pitorescas que não esqueço foi um churrasco no sítio do Jair Rodrigues com nossa família e alguns amigos e tinha lá um boi, ele disse que era bonzinho, montei no boi e ele começou a pular, me jogou em cima de uma cerca, foi o maior vexame que passei. Estou feliz que a família dele e a minha tenham uma grande amizade. O Jair é um grande exemplo como pessoa e um dos grandes talentos da música brasileira. Viva o nosso Brasil! ”

Edson Arantes do Nascimento - Pelé



A Nestlé compartilha valor com o Brasil de N formas. N de Nestlé.

NESTLÉ. ELEITA A MARCA MAIS VALIOSA, MAIS ADMIRADA, DE MAIOR CONFIANÇA, MAIOR PRESTÍGIO E MELHOR REPUTAÇÃO DO BRASIL POR N MOTIVOS. N DE NESTLÉ.

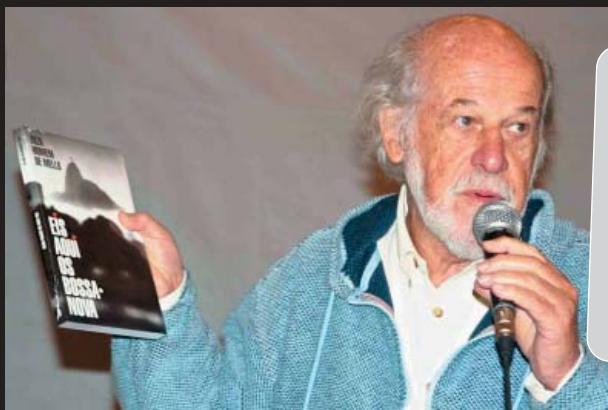
CONHEÇA MAIS SOBRE A CRIAÇÃO DE VALOR COMPARTILHADO NO SITE

WWW.CRIANDOVALORCOMPARTILHADO.COM.BR



Nestlé
Good Food, Good Life





capa

“ Jair é um caso especial na história da Música Popular Brasileira, talvez único. Consagrado como sambista, também se destaca como cantor sertanejo, desfrutando de admiração entre os dois tipos de público, de forma natural, não oportunista. ”

Zuza Homem de Mello

Musicólogo, jornalista, radialista e produtor musical

pequeno para os “bandidos” e “disparatados” como foram chamados os membros das duas torcidas mais numerosas.

Jair Rodrigues foi acompanhado pelo Trio Marayá e pelo Quarteto Novo. Chamava atenção pelo toque de uma queixada de burro. Nara Leão, a musa da bossa nova, acompanhada de uma bandinha de verdade, era quem defendia a música de Chico Buarque.

O empate entre as duas músicas agradou ao público. O Festival de 1966 e *Disparada* deram um novo rumo à carreira de Jair Rodrigues. O próprio Silvio Caldas chegou a telefonar para o cantor, lembrando o que havia dito no passado. Era aquela “a música” da carreira de Jair.

Sem a interpretação de Jair Rodrigues o destino da música talvez fosse outro. Geraldo Vandré sofria perseguições políticas. Ele foi proibido de executar a própria música em todo o país. Qualquer um poderia cantá-la, menos ele. Jair tinha mais liberdade, não enfrentou problemas com a censura, nem preconceito, conta.

Apesar de todo o sucesso, dos discos gravados e das aparições na TV, o cantor continuava como *crooner*. Nas horas de folga ainda jogava futebol nas várzeas do Pari e da Mooca. Ainda há quem lembre do rapaz ma-

“ Convivo com o Jair há mais de 30 anos. Profissionalmente estamos juntos há 20. Nunca o vi de mau humor. É muito religioso. Não sobe ao palco sem antes fazer uma prece e sempre que pode vai à missa. O repertório é dele, mas aceita sugestões, conselhos. Não há um show idêntico ao outro. A experiência como crooner deu a ele o jogo de cintura necessário para improvisar, mexer com o público. ”

Pedro Mello

Cunhado e produtor executivo

“ O Jair é mais que um anjo da guarda, é meu amuleto da sorte. Ele foi a primeira pessoa que acreditou em mim como compositora. Ele é uma pessoa ímpar na minha vida, tenho por ele um carinho todo diferenciado, não só por ter gravado o hino da minha carreira, ‘A Majestade, o Sabiá’, mas por ser um grande artista, um grande pai, um grande amigo, um grande parceiro, um mito da MPB. Devo muito a este sambista cheio de swing, com certeza, ele merece todas as homenagens do mundo. ”

Roberta Miranda

Cantora



Foto: Divulgação



grinho da lateral esquerda. Em 1967, porém, foi “despedido” pelos donos (e amigos) da boate Star D’Art que alegavam ter prejuízo nas noites em que ele não se apresentava. O público ia lá só para vê-lo. Dali em diante só poderia “dar uma canja” quando pudesse e quisesse.

Foi cantando na noite, aliás, que surgiu aquele movimento das mãos na interpretação de *Deixa isso pra lá*. O cantor conta que se apresentava com Hermeto Pascoal quando alguém pediu a música. Ele, com Hermeto, tentava relembrar a letra quando percebeu que o público imitava a gesticulação que fazia. A brincadeira fez sucesso e acabou incorporada à interpretação de Jair.

Intérprete. É assim que ele se define. Um cantor capaz de passar por todos os ritmos, embora o samba seja o mais presente em sua carreira. Jair é considerado até um rapper. A “descoberta” foi feita em 1989, a caminho do Festival de Montreux, quando viajava com outros brasileiros. O comentário foi feito por Herbert Vianna, do Paralamas



“Jair Rodrigues é o melhor sambista. É único. É um profissional e um colega formidável. Só gosta de música boa. Tenho muito respeito pelo trabalho dele e dos filhos. É uma família musical.”

Cauby Peixoto
Cantor

Foto: Marco Máximo

“Jair é mais que irmão. Amigos são escolhidos e estamos juntos há mais de 30 anos. Hoje, mesmo não sendo mais empresário dele, nossa amizade se mantém. Sempre passo o Natal na casa dele. O cantor Jair Rodrigues não é um personagem que só ganha vida no palco. É a mesma pessoa, seja diante do público, nos bastidores, em casa. Brincalhão, gozador, elétrico. É vaidoso, gosta de se vestir bem e de um bom perfume, mas além da voz, outra marca de Jair Rodrigues é pontualidade, coisa não muito comum no meio artístico.”

Amaury Pimenta
Ex-empresário

“Reverenciar o passado e o presente de um grande interprete é um honra para qualquer profissional e é exatamente como eu me sinto lembrando dos grandes momentos ao lado do Jair. Durante anos trabalhando ao seu lado deu pra sentir a força da sua alma nas suas interpretações. A sua concentração escondida e a alegria no palco foram momentos inesquecíveis. Jair Rodrigues... coisas de Deus. Que lembranças lindas que eu guardo de todos os momentos que juntos batalhamos defendendo o nascimento de uma nova fase da nossa MPB. Abração velho companheiro.”

Nilton Travesso

Diretor, integrante da Equipe A, da Record que, ao lado de Antônio Augusto Amaral de Carvalho, o Tuta, Manoel Carlos e Raul Duarte criou programas que marcaram a televisão brasileira. Entre eles: “O Fino da Bossa”, apresentado por Jair Rodrigues e Elis Regina

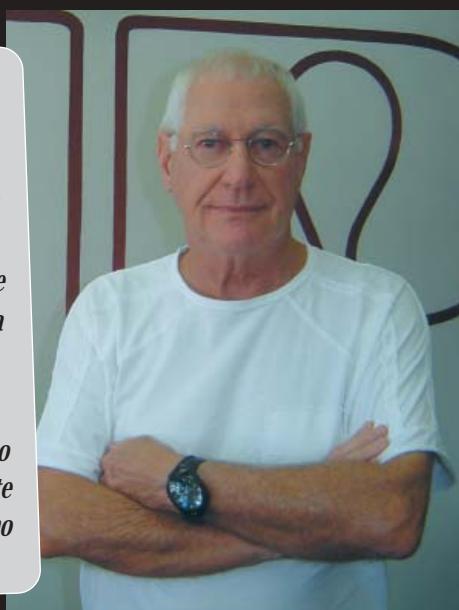


Foto: divulgação da Jovem Pan



“ Jair é um ícone da música nacional, exemplo de caráter e comprometimento. Sempre bem-humorado, alegre e divertido, sua trajetória na vida artística retrata com fidelidade e dedicação também fora dos palcos. Nossa história se encontrou através da música ‘A Majestade O Sabiá’, que, seguramente, foi uma das mais importantes da nossa carreira e da dele também. Assim que essa música chegou em nossas mãos, percebemos que tinha tudo a ver com Jair Rodrigues. Mostramos e ele disse que só gravaria se cantássemos com ele. E assim nasceu nossa primeira parceria. Mais adiante, tivemos o privilégio de nos encontrarmos novamente na gravação de seu DVD em comemoração aos 50 anos de carreira e 70 de idade, quando o convidamos para participar também do nosso terceiro DVD comemorativo, ‘Chitãozinho & Xororó 40 Anos Sinfônico’ e, mais uma vez, foi maravilhoso dividir o palco com este grande artista. Desejamos que continue a trilhar esta tão bem pavimentada história, porque só permanecem os que tem talento, força de vontade e, acima de tudo, profissionalismo e dedicação. Parabéns! Grande abraço. ”

Chitãozinho & Xororó

Dupla sertaneja

do Sucesso, que fazia uma pesquisa sobre a origem do rap no Brasil. O trecho falado em *Deixa isso pra lá*, característico do rap, é o primeiro registrado no cancioneiro nacional. Acabou regravado numa parceria com o filho Jairzinho e Rappin Hood.

Jair Rodrigues faz questão de destacar o trabalho dos compositores, produtores e de todos aqueles que gostam, pesquisam e produzem música. Raramente cita uma melodia sem destacar os autores e lamenta que os novos talentos já não tenham as mesmas oportunidades que ele

“ É um dos artistas com maior número de shows dentro e fora do país. Mais que um intérprete é um showman. Começamos a trabalhar juntos em 62. Nos discos que produzi com ele pela Polygram do Brasil (hoje Universal Music) cantou de samba a seresta. No Japão, ele quis cantar *Deixa isso pra lá* em japonês. Pediu para traduzir, aprendeu a letra em japonês e cantou junto com a platéia. Na Suécia, diante de uma platéia fria, Jair deixou o palco, sentou-se junto a uma mesa e provou o bife de um dos espectadores. Só assim, ele conseguiu fazer os suecos entrarem no clima do show. Jair é assim, surpreendente. Um profissional como poucos, que só tem amigos. ”

Armando Pittigliani

Presidente da ASP Produções Artísticas e ex-produtor e diretor da Poliyram



teve. A programação das rádios e da TV mudou muito e já não dá tanto espaço para o novo.

A história do cantor passa pela evolução tecnológica. Do disco que tocava em rotação 78 aos CDs ou tocadores de mp3, muita coisa mudou. O rádio não usa mais válvulas, a TV ganhou cores e a programação de um e outro já pode ser acompanhada pelo computador, mas Jair Rodrigues não chega ainda a ser um aficionado dessas novidades, sente falta das apresentações “ao vivo” no rádio e dos musicais da TV. Na casa de Cotia, ainda mantém uma farta discoteca original que vez ou outra é

*II Louvo quem canta e não canta
Porque não sabe cantar
Mas que cantará na certa
Quando enfim se apresentar
O dia certo e preciso
De toda a gente cantar II*

consultada pelos filhos e amigos.-aos 72 anos de idade e 52 de carreira, o cantor se apresentou em todos os continentes, foi homenageado no 4º Prêmio Tim de Música e indicado, em 2006, para o Grammy Latino.

Festa para um Rei Negro celebra o cinquentenário de uma carreira de sucesso, misturando ritmos e convidados mais que especiais: Pelé, Alcione, Jorge Aragão, Chitãozinho e Xororó, Pedro Mariano, Rappin Hood, Simoninha, Max de Castro, Luciana Mello, Jair Oliveira e Rodrigo Oliveira. Jair e filhos estão ao lado dos herdeiros de Elis e Simonal, abençoados com o mesmo dom. ■



COLÉGIO ZUMBI DOS PALMARES.

Preparando profissionais, formando cidadãos.

Criado com o apoio e parceria do Centro Paula Souza, do Senai-SP e do HCor – Hospital do Coração, o Colégio da Cidadania Zumbi dos Palmares oferece ensino técnico e gratuito de qualidade, inclusão profissional e desenvolvimento humano e social a jovens e adultos de baixa renda na cidade de São Paulo: mais integração, mais oportunidade, mais participação.

**Educação forjando liberdade.
E cidadania.**



ZUMBI DOS PALMARES
COLEGIO DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES
SÃO PAULO - BRASIL

Iniciativa:

afrobras
Sem Educação Não Há Liberdade

Parceiros:

CENTRO PAULA SOUZA

GOVERNO DE SÃO PAULO

SENAI

Hospital do Coração
HCor

o ideal e o
imaginário:

Zumbi em
destaque

Por: Eliane Almeida

Ainda é preciso falar mais sobre Zumbi para entender quão valiosa foi sua participação no movimento organizado dos escravos. Não, ele não foi o único a se lançar na aventura da busca da liberdade. Não, os africanos não agiram de maneira subserviente sem reagir aos agressores que os tiravam de sua terra natal e os traziam para um universo paralelo. Sim, é verdade que os africanos praticavam a escravidão daqueles que perdiam suas guerras mas também é verdade que a dinâmica da escravidão africana era bem diferente daquela imposta pelos europeus. Não, não é verdade que o negro é racista com o próprio negro. Apenas reproduz aquilo que os quatro séculos de escravidão e o assédio moral dos poderosos sobre si constroem.

Ainda presa ao imaginário está a imagem do negro como tendo seu lugar marcado na sociedade, a margem. O direito de todo ser humano, a liberdade, bradada aos quatro cantos como direito fundamental do homem, nas paragens do século XVI era privilégio dos monarcas, da Igreja e dos poderosos burgueses. Nem as mulheres tinham o direito a liberdade. Tendo podadas todas as possibilidades de participação na sociedade. Mas possuíam uma vantagem: o status de ser humano.

Aos negros nem isso. Fato era que as bulas papais davam aos reis a autorização da escravidão dos africanos apoiados em interpretações errôneas de passagens na Bíblia. Para a Igreja e para os europeus, os africanos eram naturalmente inferiores, equivalentes a animais e sem alma. Portanto, a escravidão, o batismo forçado e o sofrimento os aproximava de Deus. Eles tinham que ser gratos pela benevolência da Igreja.

Rebeliões Pré-Zumbi

Clóvis Moura, em sua obra “Quilombos, resistência ao escravismo”, diz que onde havia escravidão havia quilombos. Além da quilombagem, existiam outras formas de negação ao escravismo. Na ânsia pela liberdade uns acabavam com a própria vida, outros partiam para briga contra seus “donos” ou algozes, outros ainda preferiam fugir enfrentando todas as consequências que a fuga lhe traria indo procurar abrigo nos quilombos.

“Em Minas Gerais, Rio de Janei-

ro, Mato Grosso, Goiás, Pará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Maranhão, Rio Grande do Sul, São Paulo, onde quer que o trabalho escravo se estratificasse, surgia o quilombo ou mocambo de negros fugidos, oferecendo resistência, lutando, desgastando em diversos níveis as formas produtivas escravistas, quer pela sua ação militar, quer pelo rapto de escravos das fazendas, fato que constituía subtração compulsória das forças produtivas da classe senhorial”¹, explica Moura.

Foto: André Cyriano (extrato do livro “Quilombolas Tradições e Cultura da Resistência”).



A organização militar era algo impar neste movimento de negros que teoricamente não tinham tais conhecimentos. Faziam também parcerias com as vilas próximas aos quilombos mantendo uma organizada rede de informantes e de comércio. Os quilombolas eram imbatíveis nas armadilhas nas florestas. Era o sangue ancestral ensinando aos seus os segredos da natureza.

Subserviência jamais

É triste ouvir, ainda hoje, que os negros que “vieram” para o Brasil se deixaram caçar, que os próprios irmãos de África os venderam. É co-

locar a culpa do crime no inocente.

No livro “Negras Raízes”, clássico da literatura negra americana, escrito por Alex Haley, o afroamericano busca suas raízes africanas e chega a seu antepassado, Kunta Kintê, que chega aos Estados Unidos como escravo.

Em toda a narrativa, Haley pinta com riqueza de detalhes um quadro de beleza infinita no que diz respeito a vida de Kunta Kintê. Mas não nos poupa dos detalhes da violência da captura de seu antepassado.

“Os perfumes familiares das flores silvestres penetraram pelas narinas de Kunta enquanto corria, mo-

lhando as pernas no mato coberto de orvalho. Gaviões circulavam pelo céu, à procura de uma presa. Nas valas ao lado das plantações, incontáveis rãs estavam coaxando. Ele desviou-se de uma árvore para não incomodar um bando de melros empoleirados nos galhos, como folhas pretas. Mas poderia ter-se poupad o trabalho. Mal tinha passado pela árvore, ouviu uma algazarra furiosa. Virou a cabeça a tempo de ver centenas de corvos expulsando os melros da árvore. (...) Ali, mais do que na mesquita de Juffure, podia sentir como todas as coisas e todas as pessoas estavam nas mãos de Alá. (...)

Foto: André Cyriano (extraido do livro “Quilombadas: Tradições e Cultura da Resistência”).



“Estava se inclinando sobre um tronco que parecia bom para fazer seu tambor quando ouviu o estalar de um graveto, seguido pelo grito áspero de um papagaio. Era provavelmente o cachorro voltando, pensou Kunta, distraidamente. Mas recordou-se um instante depois que nenhum cachorro adulto jamais quebaria um graveto. Virou-se bruscamente. Viu um rosto branco avançando em sua direção, um porrete levantado, outros passos soando mais atrás. Um *toubob*! O pé de Kunta ergueu-se agilmente e foi atingir o homem na barriga. Ele ouviu um grunhido, no instante mesmo em que algo duro e pesado lhe roçava a cabe-

ça e ia atingi-lo no ombro. Vergando sob a dor, Kunta virou-se, ficando de costas para o homem caído no chão e atacando com os punhos os rostos dos dois pretos que investiam em sua direção, com um saco grande nas mãos, além de outro *toubob* que brandia com um porrete curto e grosso. (...)

“(...) Kunta lutou de todas as formas desferindo socos, cabeçadas, joelhadas, mal sentindo os golpes do porrete em suas costas. Ao cair, sentiu um joelho acertar-lhe as costas com toda força fazendo-o sentir uma dor intensa e fazendo-o perder o fôlego. A boca aberta encontrou carne e ele mordeu, rasgou.”

Estes trechos retirados do livro descrevem uma, apenas uma das milhares de capturas que foram realizadas nos mais diversos locais do continente africano. E depois disso, como acreditar que os negros se mantiveram passivos, sem reação ao serem capturados?

Por que Zumbi?

Passividade nunca foi característica do líder palmarino Zumbi. Tanto que o mais jovem general da história, tinha 17 anos quando se tornou o principal organizador das tropas palmarinas.

A definição que se encontra no



Dicionário Aurélio para a palavra Zumbi é, de acordo com lenda afro-brasileira, “fantasma que vaga pela noite”. Também aparece como nome do último líder do Quilombo de Palmares. Portanto, é possível concluir que a palavra de origem africana aponta para um ser mitológico.

E é como ser mitológico que

Zumbi surge na História do Brasil. Com a certeza da existência de Zumbi dos Palmares, não é possível duvidar de sua proximidade com o Divino. Filho do Quilombo dos Palmares que era liderado por Ganga Zumba, o pequeno menino foi levado de seu mocambo, após um massacre, para a cidade de Porto Calvo, pelo

Padre Antônio de Melo.

Lá ele foi batizado Francisco, aprende a ler e escrever, aplica-se aos estudos da astronomia, matemática, História da Bíblia e Latim. Torna-se coroinha. Aos 15 anos, passa a contestar sua vida e resolve fugir do padre e retornar ao seu verdadeiro lar: Palmares. Sobrinho do rei Ganga Zumba, passa a ser o braço direito da liderança e a utilizar seus conhecimentos nos treinamentos dos guerreiros dos diversos mocambos que formavam Palmares.

A adoção do nome Zumbi não foi puro acaso. Enquanto definição de morto-vivo, o ex-coroinha Francisco, bom como era na leitura dos astros e na utilização estratégica da natureza, por vezes parecia vencido e depois reaparecia das cinzas tal qual a Fênix dos sertões.

Zumbi deu trabalho aos senhores de engenho. Com sua inteligência, criava parcerias e abrigava em seus mocambos todos aqueles que pudessem contribuir para o desenvolvimento da sociedade palmarina e fizessem prevalecer a ordem e a liberdade de todos que ali viviam.

Foi morto aos 40 anos, em 1695, pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, contratado pelos senhores de engenho por puro desespero. O nome do quilombo se fortalecia e a quantidade de escravos que fugiam para os mocambos era imensa. A fuga dos escravos em massa para Palmares estava atrapalhando demais os negócios. Algo precisava ser feito.

Durante dois anos, o bandeirante investiu contra Palmares sem sucesso. Até que no dia 20 de novembro de 1695, Zumbi é abatido numa emboscada. Seu nome é cantado em



Foto: André Cypriano (extrato do livro “Quilombolas Tradições e Cultura da Resistência”).



verso e prosa até os dias atuais tornando o mito do morto-vivo uma realidade.

Zumbi ainda vive

Em viagem pelo interior de São Paulo é possível encontrar comunidades quilombolas com seus Zumbis. Caso de referência é a comunidade de Ivaporunduva, na cidade de Eldorado Paulista, no Vale do Ribeira. Às margens do Rio Ribeira de Iguape é possível encontrar comunidades formadas por descendentes diretos de ex-escravos que são anteriores a Palmares.

Ivaporunduva é a comunidade quilombola mais antiga da região e foi formada a partir da doação das terras pela sua dona quando de sua viagem sem volta para as Minas Gerais na busca pelo ouro. Na região,

na época chamada Xiririca, a extração do ouro de aluvião (pequenas partículas de ouro misturadas à areia do fundo do rio) era a maior fonte de renda dos senhores de escravos. Com a descoberta de ouro em pepitas nas Minas Gerais, muitos senhores de escravos deixavam suas “peças” para trás comprando novas quando chegassem ao seu destino.

Fomos ao encontro dessa Palmares Paulista. O Rio Ribeira nos separa de Ivaporunduva. É em uma canoa feita de tronco de árvore que acontece a travessia. Frio na barriga e um medo terrível de cair naquelas águas onde tantos já morreram. Longe de nos encontrarmos de perto a nação d'água de onde muitos descendem e que conta a lenda, existe um povo negro como “tiziú” que “vévi” no fundo do Ribeira.

A capela da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos construída por escravos há mais de 400 anos, localizada em um ponto bastante visível para quem está na outra margem do rio, dá à vila um ar bucólico. Sua simplicidade arquitetônica não desfavorece sua importância como marco histórico da comunidade. Dizem os mais velhos que em sua estrutura existe um tesouro escondido, foram os escravos que esconderam bem escondidinho. Ninguém nunca achou nada. E eles procuraram...

A canoa se aproxima do cais. Para prender a canoa a margem, apenas um bambu fincado na terra batida. Esse mesmo bambu serve de apoio para aqueles que não possuem muita experiência em entradas e saídas de canoas. Colocamos os pés em Ivaporunduva embaixo de sol quente. É

com curiosidade que os quilombolas nos olham. "Bom dia", dizem uns. Outros apenas nos fitam e cochicham. De certo a curiosidade sobre nós, pessoas estranhas, é tão grande quanto aquela que sentimos a respeito deles.

O barqueiro, senhor José Adair, nos explica que normalmente os visitantes vem em datas marcadas e a comunidade já está sabendo que eles virão. Não é o nosso caso. Foi de surpresa que chegamos em Ivaporunduva, comunidade quilombola da cidade de Eldorado Paulista, interior do estado de São Paulo. Estima-se que na região existam em torno de cinqüenta comunidades rurais negras. Essas comunidades estão em luta constante contra a construção de barragens na cabeceira do Rio Ribeira de Iguape o que acarretaria na inundação de todas as comunidades tradicionais que vivem na região. Ficaria tudo submerso. "Vai ficar tudo no fundo", como dizem eles.

Entramos no "buteco" perto da margem do rio onde tomamos uma bela tubaina gelada. Senhor José Adair bastante solícito, nos diz que o líder da comunidade, o Ditão (e acredite, ele é "ão" mesmo), estava no sertão com uns pesquisadores da Unicamp.

A Universidade de Campinas (Unicamp) desenvolve diversos trabalhos em Ivaporunduva afim de criar técnicas de aproveitamento sustentável dos recursos naturais da comunidade. Estavam capacitando alguns quilombolas no trato com as abelhas para a produção de mel.

Após saciarmos nossa sede, nos sentamos à porta da igreja para nos



proteger do sol. O calor aumentando, a fome batendo. Sai do meio do mato um homem negro dentro de uma roupa branca. Calça comprida, camisa de mangas também compridas e um chapéu com uma rede que lhe protegia o rosto. Só se percebia a cor de sua pele sem poder, no entanto, definir-lhe as feições. Era Ditão, o líder da comunidade.

Fomos ao seu encontro. O intuito da visita era desenvolver uma pesquisa sobre a cultura da comunidade. Buscamos encontrar naquela comunidade subsídios para um pensamento científico em relação a essa nova realidade que para nós se apresentava, também em busca de um "eu negro" uma origem, uma busca pelo ontem, nosso ontem. Ontem sofriido, envergonhado, discriminado.

Vimos na feição daquele líder a força que só emana de um grande homem. Grande mesmo. Sua pele negra contrasta com a "indigeneidade" de seus traços. Seus cabelos grisalhos lhe dão ainda mais autoridade. Seus olhos rasgados dão mostra da proxi-

midade do índio na miscigenação local. Homem de poucos sorrisos e poucas palavras espera de nós o motivo pela visita surpresa.

Pedimos a permissão para o desenvolvimento do trabalho. A resposta foi negativa. Havia muita coisa acontecendo na comunidade, organização da festa da Nossa Senhora do Rosário, reuniões com as faculdades com projetos já em andamento na comunidade, portanto não seria possível.

Deceptionados, atravessamos o rio de volta. Senhor José Adair com toda gentileza nos trouxe deliciosos mamões colhidos em seu terreiro. Sempre com um sorriso nos lábios, o barqueiro quilombola nos convida a participar da festa da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no dia 12 de outubro. Eram meados de agosto (2001). Ele nos explica que essa é a grande festa quilombola onde há missa, procissão, bingo e forró a noite toda. Diz-nos também que é um momento onde pessoas das mais diversas comunidades se reúnem. Oportunidade ímpar.

Foi com a certeza de que voltaríamos que deixamos Ivaporunduva. Um gostinho de quero mais na boca. Tivemos a sensação de que havíamos conversado com Zumbi em um dos mocambos de Palmares. Em seu reino, pleno na certeza de seu papel de liderança, Ditão fica para trás. Dentro de nós a fé no gigantismo daquele homem negro que tanto nos impressionou. ■

¹ Clóvis Moura. *Quilombos, Resistência ao escravismo*, p. 14.

² Toubob era o nome dado para definir os caçadores brancos que sequestravam os africanos e os vendiam como força de trabalho escrava.



VIVA A DIVERSIDADE. VIVA A OPORTUNIDADE. VIVA O CIÊNCIA SEM FRONTEIRA DIVERSO E PLURAL.

Campanha de coleta de 100.000 assinaturas de apoio a iniciativa da Presidenta Dilma Rousseff de incluir e garantir a participação de jovens universitários negros nas 100.000 Bolsas de Graduação, Mestrado, Doutorado e Pós Doutorado no Exterior do Programa Ciência Sem Fronteiras do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Participe. Mobilize-se. Por essa causa, faça como nós, assine embaixo.

www.zumbidospalmares.edu.br

oportunidade para todos

*Por Geraldo Alckmin

O Dia da Consciência Negra é uma data fundamental para a sociedade refletir sobre avanços na promoção da igualdade racial. Momento que ganha importância ainda maior em 2011, declarado Ano Internacional do Afrodescendente pela ONU.

O Governo do Estado tem promovido diversas políticas públicas voltadas à população negra. O Centro Paula Souza oferece, desde 2006, bônus a afrodescendentes e candidatos vindos do ensino público em suas provas classificatórias. No total, os acréscimos nas notas podem chegar a 13% tanto para o ensino técnico, com as Etecs, quanto para o ensino tecnológico, com as Fatecs.

Em 2011, lançamos o projeto São Paulo contra o Racismo, coordenado pela Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Envolve parcerias com prefeituras e divulgação da Lei Estadual nº 14.187/10 que determina penalidades administrativas rí-

gidias a pessoas e empresas que praticarem atos de discriminação racial, incluindo servidores públicos.

Por sinal, o anúncio do projeto foi feito por mim na Faculdade Zumbi dos Palmares, durante o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial. A instituição, que é símbolo do acesso negro ao ensino superior, tem total apoio e é parceira do Governo do Estado em cursos e iniciativas voltadas à melhoria da educação.

O Governo do Estado também desenvolve um trabalho importante em relação a comunidades quilombolas. Atualmente, 28 já foram reconhecidas oficialmente e 3 estão em fase de reconhecimento. Além disso, 6 comunidades já receberam os títulos de propriedade. Os investimentos nessas áreas ultrapassam R\$ 3 milhões, abrangendo infraestrutura, melhorias no sistema de abastecimento de água e projetos de capacitação profissional.

Também foram construídas 150 moradias quilombolas e estão em fase de projeto mais 34 unidades, todas com recursos estaduais. Essas moradias são entregues gratuitamente às famílias.

Na área cultural tivemos importante avanço com a transferência do Museu Afro Brasil para a administração do Governo Estadual. O equipamento, idealizado pelo artista plástico Emanoel Araujo, conta com rico acervo sobre a cultura e a arte negra.

Acredito que o Dia da Consciência Negra é um momento de participação de toda a sociedade numa causa comum. Ocasião em que se deve ter a plena percepção de que não há desenvolvimento sem a oferta generalizada de educação, empregos, salários e cultura. O compromisso do Estado de São Paulo é ampliar o acesso de oportunidades para todos. ■

*Geraldo Alckmin é governador do Estado de São Paulo.

consciência negra

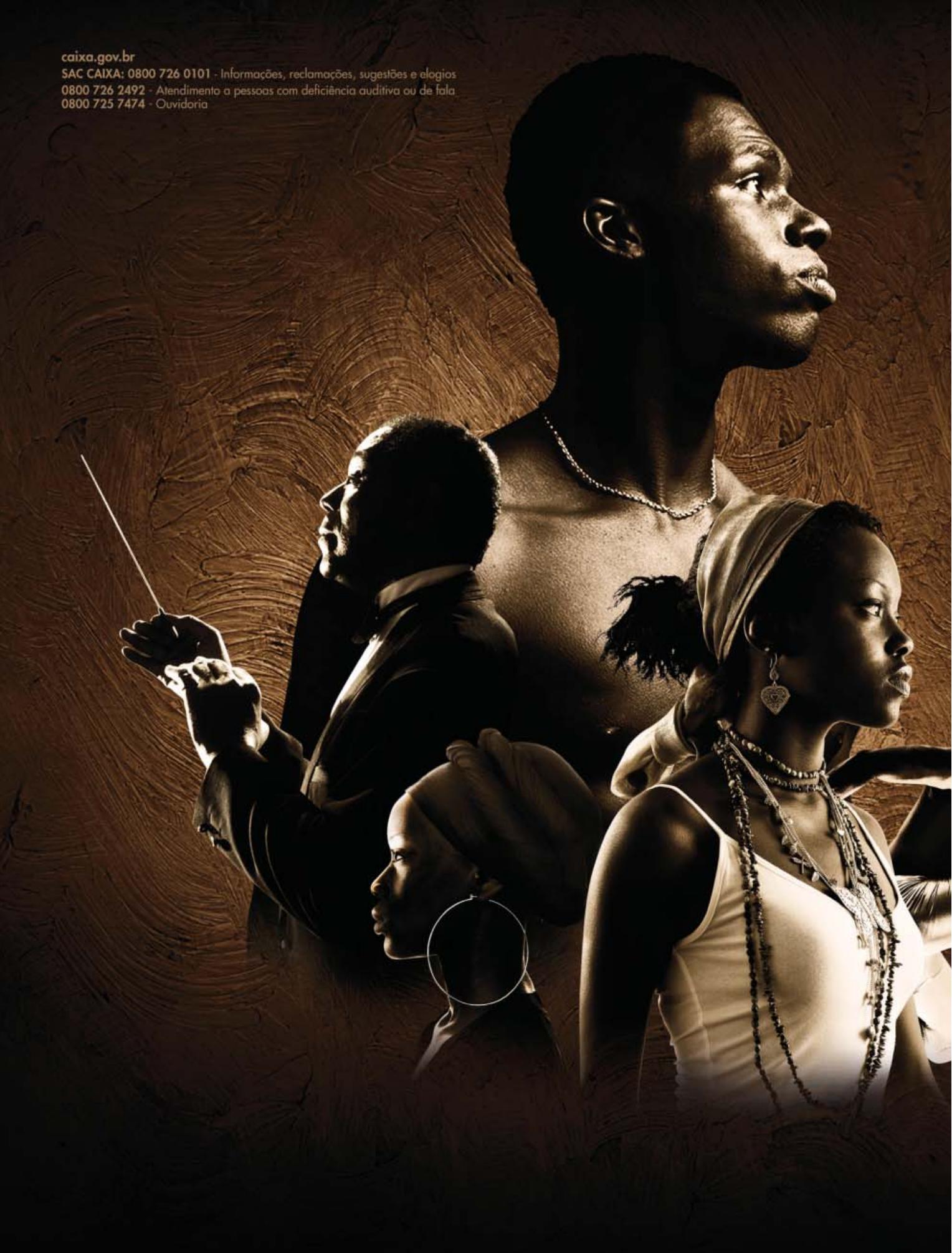


caixa.gov.br

SAC CAIXA: 0800 726 0101 - Informações, reclamações, sugestões e elogios

0800 726 2492 - Atendimento a pessoas com deficiência auditiva ou de fala

0800 725 7474 - Ouvidoria





Encontrei minhas origens
Em velhos arquivos
Livros

Encontrei
Em malditos objetos
Troncos e grilhetas

Encontrei minhas origens
No leste
No mar em imundos Tumbeiros

Encontrei
Em doces palavras
Cantos
Em furiosos tambores
Ritos

Encontrei minhas origens
Na cor de minha pele
Nos lanhos de minha alma

Em mim
Em minha gente escura
Em meus heróis altivos
Encontrei
Encontrei-as enfim
Me encontrei

(Encontrei Minhas Origens)
Oliveira Silveira.
o poeta da consciência negra.

Deus-poeta

*Por Carlos Ayres Britto

*Chamavam à primeira igreja de matriz.
Não matriz dos seios fartos de leite,
Mas de fé transbordante na divindade do Cristo.
Eu não tinha tanta fé assim na liturgia da missa
Nem nos milagres dos entristecidos santos,
Mas no som dos sinos a tinir solenes
nos ouvidos da praça.
Ainda assim a minha fé no som dos sinos
Não era maior que a minha ligação no batuque
Dos pés dos escravos a clamar por abolição
Nos versos que eu lia desse meu deus-poeta
Que foi **Antônio de Castro Alves**.
Cada poema era em si mesmo uma catedral,
E nessas tantas catedrais de Castro Alves
Foi que dobrrei os meus joelhos de crente radical
na liberdade.*

*Carlos Ayres Britto é ministro do Supremo Tribunal Federal.



“Os negros foram vítimas de preconceito durante séculos no Brasil, racismo que infelizmente ainda encontra eco em nosso país e que deve ser combatido de forma incansável. É dever da administração pública investir em ações que busquem a igualdade de oportunidades no mercado

pioneira, mostra-se um sucesso. Agora, com essa política de cotas nos concursos estaduais, a paisagem do serviço público brasileiro começará a mudar a partir do Rio de Janeiro.

O nosso governo desenvolve também uma série de programas de inclusão social voltados para segmentos

do a inserção dos negros nos grandes eventos esportivos que o nosso Estado receberá. Já assinamos junto ao Governo Federal um protocolo de intenções para promover oportunidades aos negros nas atividades que envolvem a realização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos.

igualdade para todos

*Por Sérgio Cabral

de trabalho. Foi por isso que em junho deste ano nós assinamos um decreto que reserva 20% das vagas para negros e índios nos concursos públicos do Estado, garantindo a eles maior acesso ao serviço público.

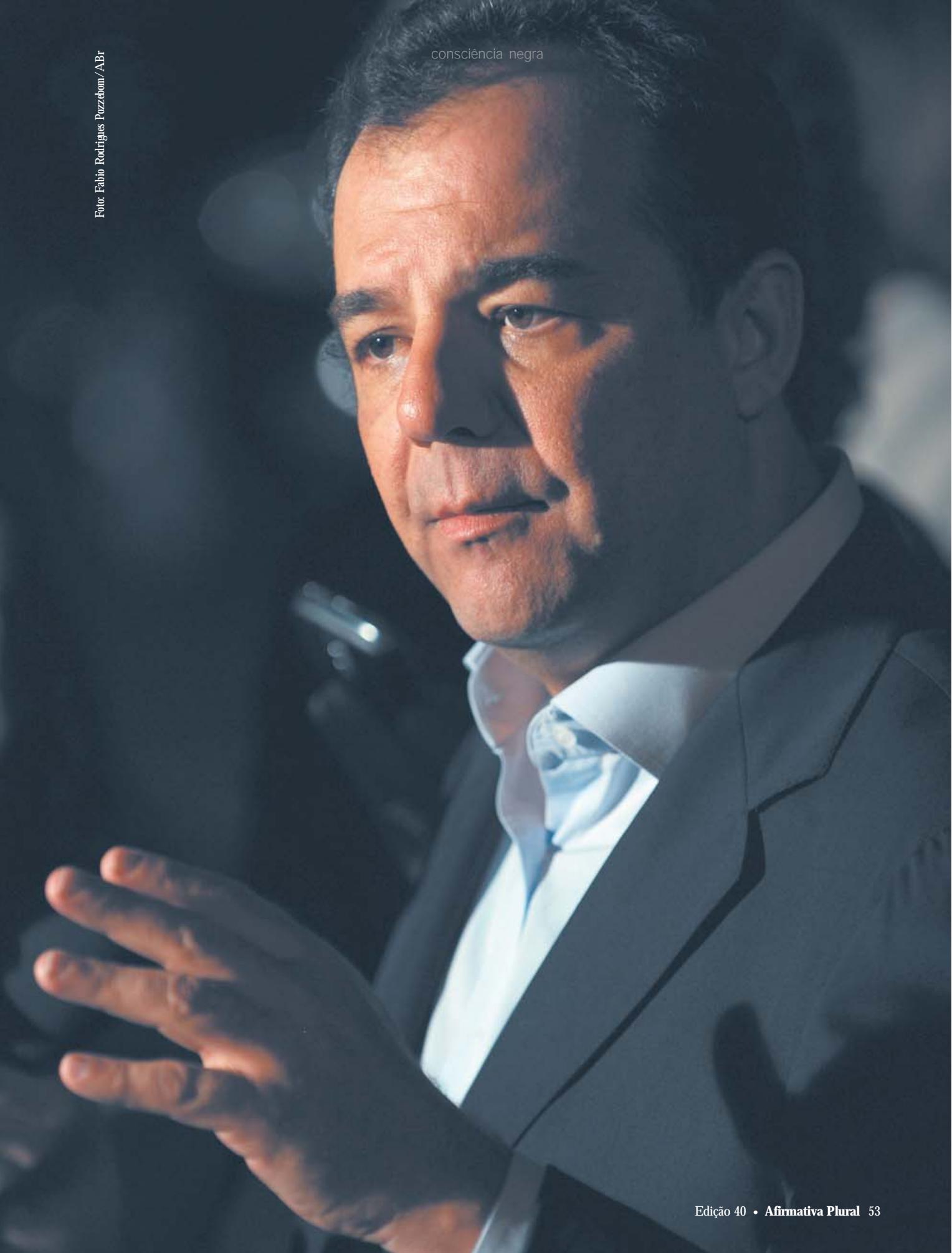
É importante lembrar ainda que o Estado do Rio de Janeiro foi o primeiro a estabelecer cota para negros e índios na universidade pública, e a política de cotas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),

tos discriminados da população fluminense. O programa Renda Melhor, da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos, foi apresentado especialmente ao movimento negro para que os representantes desse segmento pudessem encaminhar as famílias que ainda vivem na extrema pobreza para a inclusão no Cadastro Único.

Nesse momento importante que o Rio vive, também estamos buscan-

cos de 2016. A ideia é criar estratégias que serão adotadas tanto pelos órgãos públicos como privados, e, é claro, pela sociedade como um todo, durante a estruturação dos jogos, para combater o racismo e promover a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos.” ■

*Sérgio Cabral é governador do Estado do Rio de Janeiro.



a Prefeitura e os negros

*Por Gilberto Kassab

Todos os anos comemora-se o Dia Nacional da Consciência Negra. Na verdade, é uma semana inteira de atividades, quando se celebra e se rememora a heróica resistência do negro, desde o primeiro navio de transporte de escravos vindos da África. Nesse dia, 20 de novembro, no longínquo ano de 1695, morria o maior dos combatentes da liberdade negra, Zumbi dos Palmares. Por isso, com inteira justiça, a data foi escolhida. E depois consagrada em lei, em janeiro de 2003.

A semana toda é dedicada a festos e promoções culturais, como palestras, eventos educativos e debates em torno de temas caros a todos nós, como a inserção do negro no mercado de trabalho, o combate a todo tipo de discriminação por racismo, a identificação de etnias, e outras atividades ligadas a manifestações diversas como a música, a gastronomia, a moda e a beleza negras, que tão profundamente marcam a cultura brasileira.

A abolição da escravatura chegou em 1888. A discriminação, no entanto, não acabou aí. Na maioria das atividades brasileiras, a presença de personagens negras ainda é pequena. E

não é por falta de figuras de relevo. Por que, então? Porque, embora mitigada, persiste em nosso país a injustiça racial. E é no combate contra essa injustiça que todos nós, brasileiros, devemos nos unir, pois todos somos responsáveis.

A Prefeitura da cidade de São Paulo está presente nessa luta. Temos orgulho do trabalho realizado, por exemplo, pela Comissão Municipal de Direitos Humanos, que tem como missão defender, proteger e promover os direitos de todos, bem como fomentar a inserção do tema nas políticas públicas do município. E dentro dessas atividades, sobressaem as ações do Centro de Referência em Direitos Humanos de Prevenção e Combate ao Racismo – CONE, órgão ligado à Secretaria de Participação e Parceria.

Um dos principais compromissos da CMDH e do CONE é com a dignidade humana e com a defesa por um tratamento igualitário a todas as pessoas, independentemente de raça, cor, credo, local de origem ou condição financeira. Para tanto, é de se salientar o trabalho realizado pelo Balcão de Atendimento da Comissão, em constante atividade no prédio do

Pátio do Colégio, para onde acorrem todo tipo de pessoas, com as mais variadas demandas. Lá são atendidas pessoas em situação de rua, imigrantes vindos de diversas partes do mundo – mas principalmente do continente africano –, egressas do sistema penitenciário, moradores de cortiços e favelas e outras.

O CONE tem seu trabalho dividido em duas partes: a prevenção e o combate. Como parte da primeira, promove debates, palestras fóruns e oficinas com o objetivo de sensibilizar a sociedade na importância da defesa dos direitos humanos dos negros e na luta contra a discriminação. No segundo setor, o de combate, dedica-se ao atendimento e acompanhamento e encaminhamento jurídico e psicosocial para os casos denunciados de discriminação.

Não é muito, sabemos. Mas é um trabalho constante e persistente que, se não resolve o problema que se propõe a atacar, consegue pelo menos conter suas consequências mais dolorosas. E as pessoas que se dedicam a enfrentá-lo têm todas, tenho certeza, um pouco do denodo estóico do herói Zumbi. ■

**Gilberto Kassab é prefeito da cidade de São Paulo.*



consciência negra

uma proposta

Por Eduardo Matarazzo Suplicy

de
justiça social
para o Brasil



Foto: © Alex Slobodkin – iStockphoto

consciência negra



Em março último recebi a visita da primeira juíza negra do Brasil, Luislinda Dias Valois dos Santos. Neta de escravo, filha de motorneiro de bonde e lavadeira, Luislinda decidiu ser juíza aos nove anos de idade, quando um professor a humilhou dizendo que lugar de negra como ela era na cozinha de branco, fazendo feijoada, e não na escola. Ela ingressou na carreira pública como datilógrafa. Como magistrada, pautou sua vida na defesa da população mais carente e oprimida, e na construção de justiça social. Em 1993, proferiu a primeira sentença brasileira contra o racismo. Em 2009, lançou seu primeiro livro, *O*

Negro no Século XXI. Em 2010, foi nomeada Desembargadora Substituta do Tribunal de Justiça da Bahia.

Ela se interessou muito em conhecer a lei que institui a renda básica de cidadania que, na minha avaliação assim como na de muitas pessoas da comunidade negra, a exemplo da mãe Silvia de Oxalá, do axé Ilê Oba - no Jabaquara em São Paulo, quando adotada contribuirá muito para dar maior dignidade e liberdade para todas as pessoas.

A juíza Luislinda leu meu livro “Renda de Cidadania - A Saída é Pela Porta”, estudou o assunto, e me perguntou o que falta para a sua efetiva aplicação no Brasil uma vez que já foi

aprovada pelo Congresso Nacional. Eu expliquei que, segundo a lei, a renda básica de cidadania se tornará uma realidade quando for este o desejo do poder executivo. Então ela resolveu escrever uma carta à presidente Dilma Rousseff, da qual destaco os seguintes pontos neste extrato:

“É com imensa honra que me dirijo a Vossa Excelência imbuída da missão de falar, nesta carta, em nome de milhares de sem-vozes e sem-rendas espalhados pelas periferias da Bahia.

... É inegável que o bolsa família trouxe dignidade a muitas pessoas que não tinham sequer o que comer. Milhões de brasileiros foram beneficiados e hoje fazem três refeições por dia. Em contrapartida, as crianças



consciência negra

Foto: arquivo pessoal

Juiza Luislinda Dias Valois dos Santos.

permanecem mais tempo na escola.

... Tanto no âmbito político-econômico quanto no social-cultural temos as condições necessárias de aprofundar essa revolução que visa transformar o Brasil em um país de todos. É o momento certo de fazermos o bem, de fazermos valer a Lei 10.835/2004, de autoria do senador Eduardo Matarazzo Suplicy.

... Com uma renda básica de cidadania dariamos adeus não só à pobreza e à fome, mas ao trabalho escravo e desumano que vitima milhares de brasileiros. Dariamos adeus ao triste cenário das crianças que buscam uma renda nos sinais vermelhos; das mulheres que mendigam com filhos no colo nas sarjetas;

dos idosos que se humilham por um trocado qualquer de porta em porta.

... É muito fácil de a população compreender o princípio de que todos nós devemos participar, pelo menos de uma parte, da riqueza comum da nação. Eliminaremos qualquer burocracia em se ter que saber quanto cada pessoa ganha no mercado formal ou informal. Acabaremos com qualquer estigma ou sentimento de vergonha de a pessoa precisar dizer que não recebe o suficiente para ter que receber o benefício. Não haverá mais o fenômeno da dependência que causa as armadilhas da pobreza ou do desemprego decorrentes dos sistemas em que o benefício é vigente apenas

até certo patamar de renda.

... É do ponto de vista da dignidade e da liberdade real do ser humano que a renda básica de cidadania apresenta a sua maior vantagem. Para a jovem que, por falta de alternativa para a sua sobrevivência, resolve vender o seu corpo, ou para o jovem que, pela mesma razão, resolve ser um membro da quadrilha de narcotráfico, a existência da renda básica de cidadania lhes permitirá dizer: não, daqui para frente, eu e as pessoas de minha família temos pelo menos o necessário. Poderei aguardar, quem sabe fazer um curso profissional, até que consiga encontrar um trabalho mais de acordo com a minha vocação.

... Com a descoberta do pré-sal e a exploração de outras tantas riquezas naturais - que pertencem aos filhos deste solo - o pagamento de uma renda básica de cidadania pode se tornar possível. O modelo de parceria público-privada adotado no Programa de Aceleração do Crescimento também pode ser uma forma de viabilizar esse pagamento.

Vossa Excelência tem uma grande oportunidade nas mãos: aplicar a renda básica de cidadania e transformar o Brasil em uma vitrine de desenvolvimento social para o restante do planeta que tem na miséria um de seus principais desafios.

Precisamos, sobretudo, de uma justiça distributiva, capaz de transformar um país, ainda assolado pela desigualdade, em uma nação. Para isso, toda discriminação, inclusive a socioeconômica, deve ser definitivamente extinguida.

Não tenho dúvidas de que a implantação da renda básica de cidadania pode ser a ação precursora de uma nova civilização, mais justa e igualitária. Também tenho certeza de que Vossa Excelência é a pessoa certa, no lugar certo e na hora certa no tocante à aplicação desta Lei." ■

*Eduardo Matarazzo Suplicy é Senador da República (PT/SP).



Um programa que valoriza a **DIFERENÇA.**

Apresentado por José Vicente, o Programa Negros em Foco discute temas de interesse do negro e de toda a sociedade. Em entrevistas animadas, personalidades dos mais variados segmentos da sociedade brasileira expõem opiniões, discutem temas polêmicos, mostram aspectos de nossa cultura, plural e diversa. Não perca. O Programa Negros em Foco é um programa diferente, que respeita as diferenças. Todas elas.

NEGROS EM FOCO

Com José Vicente



TV Aberta - São Paulo - SP
Net - Canal 9 (quartas à 01h00 reprise aos sábados às 18h00)
TVA Analógica - Canal 99/72 (quartas à 01h00 reprise aos sábados às 18h00)
TVA Digital - Canal 186 (quartas à 01h00 reprise aos sábados às 18h00)

RBI - São Paulo - SP
Mix TV - Canal 14 UHF (domingo às 06h30)

TV Cidade - Joaçaba - SC
TV Cidade - canal 21 da NET (vários horários)

RBM TV - Resende - RJ
RBM TV - canal 99

a
história oficial
nem sempre
retrata a
Verdade

*Por Leci Brandão

Quem chegar a cidade de União dos Palmares para conhecer o Museu de Zumbi ouvirá na entrada uma mensagem com a minha voz e a de Djavan. Tive a honra de receber o título de Comendadora do Estado de Alagoas e o privilégio de cantar naquela Serra.

Tais fatos extraordinários só aconteceram em função de minha luta permanente contra o racismo, nos 36 anos de carreira artística. Fiz da arte um instrumento de denúncia social e acolhimento dos menos favorecidos. Agora estou deputada por São Paulo. Orgulho-me de ser a segunda mulher negra a ocupar uma cadeira numa Assembleia legislativa que tem 173 anos. A primeira foi a

Dra. Theodosina Ribeiro.

Sabemos que em novembro, mês da Consciência Negra, as atenções se voltam para o povo da nossa etnia. Sinceramente queria que esse foco acontecesse o ano inteiro. No dia 20 de novembro celebramos a luta contra a escravidão e a resistência heróica de Zumbi dos Palmares, o primeiro general de verdade da História do Brasil. Sua estratégia e sua bravura em defesa da liberdade são indiscutíveis.

Ainda que a História oficial esconda as conquistas do nosso povo, as entidades do movimento negro cada vez mais atuam no sentido de exigir a reparação das nossas perdas, reivindicar a inclusão e o acesso de nossos jovens às universidades, de-

nunciar o racismo institucional, enfrentar a discriminação nas empresas multinacionais e diminuir a presença do nosso povo nas cadeias.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva atendeu ao pedido do movimento negro e criou a Seppir (secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) para que tivéssemos acento no Poder Executivo. Entretanto, estamos pouco representados no Congresso Nacional, nas Assembleias Legislativas e nas Câmaras Municipais.

Falta-nos EMPODERAMENTO, de fato. Se somos mais da metade da população brasileira temos o direito de sentar à mesa das decisões do país. Somente assim teremos

avanços na Educação, na Saúde, na Habitação e mormente no mercado de trabalho.

É importante lembrar que outras identidades da nossa etnia precisam ser reafirmadas e respeitadas. As religiões de matriz africana tem que ter liberdade. Estão proibindo suas manifestações de todas as formas.

O Samba e o Hip Hop precisam de mais visibilidade por parte dos gestores de cultura. Afinal, eles elevam a autoestima do povo negro. Telejornais, novelas, comerciais de TV deixam de enxergar a importância desses segmentos que trazem esperança através da arte cidadã.

Rodas e comunidades de samba em São Paulo, um fenômeno que nas periferias e no interior do Estado, aglutinam a população celebrando compositores antigos, revelando novos músicos, instrumentistas e lideranças. Movimentos espontâneos que trazem arte educação e cidadania inspirados em um gênero musical de origem afrobrasileira.

Não poderia deixar de saudar, mais uma vez, a militância afrobrasileira que, ao longo dos anos, organizou e fortaleceu a luta pela igualdade racial e conquistou instrumentos importantes na estrutura do estado brasileiro. Foi o protagonismo negro que se preparou, agiu, interagi e construiu as bases para atingirmos a nossa liberdade. 20 de novembro é dia de reafirmar a nossa luta, mas é cotidianamente que vamos construir uma sociedade justa e com dignidade para todos. ■

*Leci Brandão, cantora e deputada estadual (PC do B/SP).



Foto: Divulgação

Z valeu Zumbi

**Por Elói Ferreira de Araújo*

Em 20 de novembro de 1695, Zumbi, o último líder do quilombo dos Palmares, é morto pelos escravocratas. O quilombo que resistiu por mais de cem anos entra na fase de extinção. Naquela cidadela de resistência à escravidão, viviam em comunhão, negros, indígenas e não negros perseguidos pela Colônia. Chegaram ser mais de vinte mil habitantes. A destruição física do quilombo dos Palmares foi uma derrota. Contudo, o sonho de liberdade, de se colocar fim a escravidão de africanos ficou dormitando. Assim, passados quase duzentos anos da epopéia de Palmares, a luta pelo fim da escravidão foi para as ruas do Brasil. O movimento abolicionista ganha os corações e as mentes e finalmente, em 13 de maio de 1888, é aprovada a Lei áurea. É iniciada a colheita dos frutos semeados em Palmares. Porém, a lei Áurea não veio acompanhada de mecanismos de inclusão, para assegurar aos ex-cativeiros as oportunidades que foram dadas aos imigrantes europeus.

Passados cento e vinte e três anos desde a abolição, a população de pretos e pardos brasileiros somam 51,2%. O país incorporou ao seu arcabouço jurídico legislações, não penais, para a população negra

que merecem destaque. A lei 10639/2003, que institui o ensino da História e Cultura Afro-brasileira é uma delas. Sua importância reside, dentre os inúmeros aspectos, em estimular o debate sobre a formação da nação e da identidade nacional, e, a contribuição do negro para a construção do Estado brasileiro. Vale ressaltar a lei 12288, que dispõe sobre o Estatuto da Igualdade Racial, primeira legislação, desde 1888, que busca criar as possibilidades para reparar um pouco das desigualdades raciais. Há quem diga que os problemas existentes no Brasil são apenas sociais. Um discurso de cabra-cega que ignora o desenvolvimento desigual do País. Também ignora que somente os negros foram escravizados. A lei 12288 incorpora ao mundo jurídico brasileiro o instituto das Ações Afirmativas, que são os programas e medidas especiais adotadas pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades.

A matriz cultural africana que tem nas religiões afro-brasileiras a sua expressão mais legítima, a capoeira, a gastronomia afro-brasileira, as 1715 comunidades dos remanescentes

dos quilombos certificadas, encontram no Estatuto da Igualdade Racial a proteção e promoção, que não é encontrada em nenhum outro diploma legal. Através das Ações Afirmativas o Estado e a iniciativa privada, podem reservar cotas nos concursos e demais processos de seleção para o ingresso de negras e negros. Empreendedorismo, proteção à saúde, acesso aos financiamentos públicos, presença nas peças de publicidade e meios de comunicação, dentre outras possibilidades, constam do Estatuto da Igualdade Racial e dão vigor a um diploma novo, que precisa ser apropriado pela nação, para que esta exija seu cumprimento.

É o início de uma longa caminhada, que a nação precisa percorrer, no sentido de reparar o mais bárbaro de todos os crimes: a escravidão de africanos e de seus descendentes brasileiros. O sonho dos quilombolas de Palmares haverá ser uma realidade.

O Brasil está avançando para a construção da igualdade de oportunidades entre todos os filhos da nação. Valeu Zumbi! ■

*Elói Ferreira de Araújo é presidente da Fundação Cultural Palmares.

consciência negra



**A cultura negra é
orgulho do nosso
país e também do
nossa banco.**

**20 de novembro. Homenagem do
Banco do Brasil ao Dia da Consciência Negra.**

BANCO DOS BRASILEIROS

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 – SAC 0800 729 0722
Ouvidoria BB 0800 729 5678 – Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088



todo seu



Palestra do então presidente da Frente Negra, Justiniano Costa. Além da bandeira do Brasil a mesa também está coberta com a bandeira da Frente Negra.

Frente Negra completa 80 anos

Há exatos 80 anos, era criada a Frente Negra Brasileira, uma das primeiras organizações no século XX a exigir igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade do País. Sob a liderança de Arlindo Veiga dos Santos, a organização tinha por objetivo desenvolver diversas atividades de caráter político, cultural e educacional para os seus associados. Realizava palestras, seminários, cursos de alfabetização, oficinas de costura e promovia festivais de música.

Criada em 16 de setembro de 1931 na cidade de São Paulo, a Frente ganhou adeptos em todo o Brasil, inclusive o jovem Abdiás do Nascimento. Seguindo o propósito de discutir o racismo, promover melhores condições de vida e a união política e social da “gente negra nacional”, a entidade teve filiais em diversas cidades paulis-

tas e nos estados da Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Estima-se que a Frente Negra Brasileira tenha chegado a aproximadamente cem mil membros em todo o País.

A Frente Negra chegou a publicar o jornal *A Voz da Raça*, em 1933, cuja sede ficava na Rua da Liberdade em São Paulo, Capital.

Com esses objetivos, em 1936 a Frente Negra se registrou como partido político. O golpe de 1937 colocou todos os partidos políticos na ilegalidade. Reprimida pelo governo de Getúlio Vargas a organização se desintegrou. Seus militantes ainda tentaram a sua reorganização com a fundação da *União Negra Brasileira*, por Raul Joviano, um dos fundadores da frente Negra. No entanto, a situação geral do país era de repressão via atos

subversivos. O jornal *A Voz da Raça* deixou de circular. A censura foi imposta a todos os órgãos de imprensa, e a União, que procurou substituir a Frente, extinguiu-se, em 1938, exatamente quando se comemoravam 50 anos da Abolição.

A Frente Negra, o primeiro movimento de inserção do negro na política, ofereceu à população marginalizada possibilidades de organização na luta em combate ao racismo. A Frente Negra foi o primeiro movimento de massas no período pós-abolicionista que possibilitou a intervenção do negro na política. Foi uma grande mobilização negra e sua trajetória é um capítulo importante da história do povo afrobrasileiro.

Os integrantes da Frente Negra foram pessoas que desbravaram um território no qual o negro

Almoço da Frente Negra. Integrantes com uniforme branco faziam parte da Banda Frentenegrina.



ainda não tinha acesso e fizeram deste ato um marco para todas as futuras gerações. Criou-se, ainda, uma milícia frente-negrina, uma organização paramilitar. Os seus componentes usavam camisas brancas e recebiam rígido tratamento, como se fossem soldados.

Muitos não compreendiam os objetivos do grupo. Diziam que eles estavam fazendo “racismo ao contrário”. No entanto, com o tempo, os membros da Frente Negra foram adquirindo a confiança não apenas da comunidade, mas de toda a sociedade paulista. Os membros

possuíam uma carteira de identidade expedida pela entidade, com retratos de frente e de perfil. Quando as autoridades policiais encontravam um negro com esse documento, respeitavam-no porque sabiam que na Frente Negra só entravam pessoas de bem. ■

Memórias...

A primeira deputada negra do Estado de São Paulo, Theodosina Ribeiro, falou com exclusividade sobre a participação do pai na Frente Negra, José Inácio do Rosário um dos integrantes da Frente Negra. Na ocasião com residência fixada no interior paulista, mais precisamente na cidade de Rio Claro, José Inácio se deslocava até a capital paulista para participar das reuniões da Frente Negra. “Apesar de ser muito pequena na época que meu pai participou da Frente Negra. O que ficou para mim é que ele sempre foi uma pessoa muito conscientizada sobre a condição do negro no campo da política. Ele acreditava que assim como as outras etnias, o negro também precisava participar da tomada de decisões no Brasil”, declarou Theodosina.

Tamanho envolvimento com a política interferiu na vida de Theodosina, de forma a fazê-la também sentir proximidade com questões políticas. “Quando criança absorvi essa influência vinda do meu pai. Se uma criança faz parte de uma família de atletas é comum que tenha afinidade com o esporte”, comparou a ex-deputada. Desta forma o ingresso ao MDB já na vida adulta ocorreu de maneira muito natural. “Quando recebi o convite para participar da política não fiquei surpresa. Foi algo que teria de acontecer em algum momento”, explicou.



Theodosina Ribeiro, primeira vereadora negra e primeira deputada estadual negra de São Paulo.

O sucesso nas urnas foi a resposta aos anseios do povo brasileiro que elegeu Theodosina como a segunda vereadora mais votada em São Paulo e, posteriormente, a quinta deputada estadual, mais votada, sendo a primeira negra a ser eleita para o cargo, em 1970. “Uma negra, até então desconhecida, que depois chegou a ser presidente da Assembleia Le-

gislativa”, recorda.

Atualmente Theodosina faz parte da Associação de Parlamentares, como conselheira. Ocupa a qual exerce também no Conselho Consultivo da Faculdade Zumbi dos Palmares. Além disso, continua ligada a Ordem dos Advogados de São Paulo, como sócia advocatícia.

VESTIBULAR 2012

flag

Viva a liberdade! Viva Zumbi!

INSCRIÇÕES ABERTAS.

Administração, Direito, Pedagogia, Publicidade e
Propaganda, Tecnologia em Transporte Terrestre



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

Vem para a Zumbi. Viva a liberdade!

11 3325 1000

www.zumbidospalmares.edu.br

desigualdade na educação

© Robert Kneschke | Dreamstime.com

*Por Flávia Piovesan

Recente pesquisa do IBGE em cinco estados e no Distrito Federal constata ser a distância entre a escolaridade dos pais e filhos maior entre negros que entre brancos. A proporção de filhos negros com 12 anos ou mais de estudos é quatro vezes maior que de suas mães e três vezes maior que de seus pais. Conclui o IBGE que um nível mais alto de escolaridade entre negros começa a transformar a realidade brasileira. Revela ainda que jovens de todas as raças estão tendo mais acesso à escola.

Ao lado destes avanços, contudo, a pesquisa demonstra que a desigualdade racial na educação persiste. Menos de um em cada dez filhos de negros completou o ensino médio, enquanto que, no caso dos brancos, um em cada quatro tinha pelo menos 12 anos de estudos. Para Marcelo Paixão, remanesce o desafio de o filho do analfabeto chegar a doutor, tanto do branco como do negro, mas “o grande salto será quando os anos de estudo de brancos e negros se equiparem”.

Como enfrentar a desigualdade racial na educação? Qual deve ser o alcance das medidas estatais (na esfera dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário) na promoção da igualdade racial? Deve o Estado manter-se indiferente às diferenças? A neutralidade estatal implicaria perpetuação da desigualdade racial? Quais devem ser os limites e as possibilidades do protagonismo estatal no combate à discriminação e na promoção da igualdade racial?

Os instrumentos internacionais de combate à discriminação racial consagram duas estratégias: a) a estratégia repressiva (que tem por ob-

jetivo proibir, punir e eliminar a discriminação racial); e b) a estratégia promocional (que tem por objetivo promover e fomentar a igualdade racial).

Na vertente repressiva, há a urgência em se erradicar todas as formas de discriminação racial na educação. Se o combate à discriminação racial é medida emergencial à implementação da igualdade, todavia, por si só, é medida insuficiente.

É necessário combinar a proibição da discriminação com políticas compensatórias que acelerem o processo de construção da igualdade racial. Para assegurar a igualdade não basta apenas proibir a discriminação, pois a proibição da exclusão, em si mesma, não resulta automaticamente em inclusão. Logo, não é suficiente proibir a exclusão, quando o que se pretende é garantir a igualdade de fato, com a efetiva inclusão social de grupos que sofreram e sofrem violência e discriminação. Daí serem essenciais as estratégias promocionais capazes de estimular a maior inserção e inclusão de negros na educação brasileira.

Neste cenário, as ações afirmativas surgem como medidas necessárias e legítimas para compensar o legado de um passado discriminatório. Devem ser compreendidas não somente pelo prisma retrospectivo no sentido de aliviar a carga de um passado discriminatório —, mas também prospectivo, no sentido de fomentar a transformação social, criando uma nova realidade.

São um imperativo democrático a louvar o valor da diversidade em uma sociedade pluriétnica e multirracial. São um imperativo de justiça social, a aliviar a carga de um passado discri-

minatório e a propiciar transformações sociais necessárias. Devem prevalecer em detrimento de uma suposta prerrogativa de perpetuação das desigualdades estruturais que conduzem a uma discriminação indireta contra os negros — eis que políticas estatais neutras têm tido um impacto desproporcionalmente lesivo a eles, mantendo estável a desigualdade racial.

O Brasil é o segundo país do mundo com o maior contingente populacional negro (45% da população brasileira, perdendo apenas para a Nigéria), tendo sido, contudo, o último país do mundo ocidental a abolir a escravidão. Dados do Ipea apontam que a pobreza no Brasil é etnizada: negros são 70% dos pobres e 71% dos indigentes.

Faz-se urgente a adoção de medidas eficazes para romper com o legado de exclusão étnico-racial e com as desigualdades estruturantes da realidade brasileira, promovendo a justiça social, mediante ações afirmativas em benefício da população negra, em especial na área da educação.

Como lembrava Abdiás do Nascimento, há a necessidade da “inclusão do povo afro-brasileiro, um povo que luta duramente há cinco séculos no país, desde os seus primórdios, em favor dos direitos humanos. É o povo cujos direitos humanos foram mais brutalmente agredidos ao longo da história do país: o povo que durante séculos não mereceu nem o reconhecimento de sua própria condição humana”. ■

*Flávia Piovesan é procuradora do Estado de São Paulo e professora de Direito da PUC/SP.
O Estado de S. Paulo, 8/8/2011.

**Transmitir energia é distribuir
qualidade de vida.**





A TBE é um conjunto de nove concessionárias de transmissão de energia elétrica, atuando nos estados do Pará, Maranhão, Santa Catarina, Mato Grosso e Minas Gerais, com instalações que possuem cerca de 3150 km de linhas de transmissão e 27 subestações.

Transmitindo energia e desenvolvimento

educação para todos

Por Rejane Romano

Professor Adjunto do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Formado em Economia, mestre em Engenharia de Produção e doutor em Sociologia, Marcelo Paixão, fala sobre as ações à frente do Laboratório de Análises Econômicas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (LAESER), como a educação pode e deve ser inclusiva e sua opinião quanto a cotas raciais.

O LAESER, cujo principal objetivo consiste na permanente realização de pesquisas e atividades de extensão universitária voltadas ao tema das relações raciais, realiza anualmente o “Relatório Anual das Desigualdades Raciais”, cuja intenção é reforçar através dos números as discrepâncias entre negros e brancos e desta forma fomentar mudanças.

“Normalmente a entrada de afrodescendentes no meio universitário é maior nas áreas de ciências humanas, há pouco ingresso em ciências

econômicas e políticas. Eu, como economista, acredito que através de estudos típicos, de monitoramento dirigido para população negra podemos levantar questões. Nossa análise de indicadores procura até mesmo refletir aspectos que não são comumente considerados, atuando em áreas onde não se atua, como por exemplo, a defesa religiosa e no caso do último relatório, quando levantamos informações sobre a previdência social”, explica.

Em abril deste ano ganhou grande de repercussão na imprensa os dados que apontaram que os afrodescendentes têm menos acesso à previdência e consequentemente menor sobrevida, obtidos através de dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). Nos dados referentes a 2008, 44,7% dos auto declarados pretos ou pardos não estavam protegidos pela Previdência Social. Entre os auto declarados brancos, esse índice caiu para 34,5% (mu-

lheres são mais afetadas do que os homens). Em todo o país, a expectativa de vida dos afrodescendentes de ambos os sexos era de 67,03 anos.

“Sendo da área da economia posso dimensionar melhor esse efeito que representa o racismo. Inclusive sob a perspectiva de monitorar a constituição de 1888 e analisar as probabilidades de mudanças. Para tanto o LAESER tem cursos de extensão e uma proposta pedagógica anti-racista, visando a facilidade de lidar com dados para não deixar que o debate quanto às questões raciais saia da agenda pública. Temos o compromisso ético de trabalhar com estes dados sempre, fomentando reflexões quanto ao mercado de trabalho, indicadores de pobreza, saúde... Acredito que como os indicadores são efetivos podemos evitar a mazela da invisibilidade, onde sequer estes dramas da população negra entravam na agenda pública social”.

Quanto à campanha Ciência sem

Fronteiras, lançada pelo governo Federal, que visa enviar 100 mil universitários para realizar bolsas científicas no exterior, Marcelo Paixão acredita que se faz necessário um recorte das ações afirmativas a fim de que não beneficiem os mesmos de sempre.

“Abrir bolsas e não problematizar a questão da cor é uma patologia social. Qualquer iniciativa dos governos, seja Federal, Estadual ou Municipal, requer vagas, bolsas, ativos educacionais. Tem de haver democratização dos acessos. Não podemos esperar que o século XXI reproduza o século XX”.

Provas e embasamentos de que o foco do problema é a questão das oportunidades, é o desempenho dos alunos cotistas. Diferente do que alguns contrários às cotas pensam, o desenvolvimento dos cotistas tem sido alto.

“A UFRJ foi a última a adotar o sistema de ações afirmativas no Rio. Eu como membro do conselho universitário há tempos insistia na idéia de instituir as cotas na universidade. O que tenho observado é que a experiência dos cotistas inclusive nas universidades co-irmãs não afetam a qualidade de ensino.

No último exame da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), a UNB e a UERJ obtiveram as melhores notas, ou seja os cotistas não modificaram o perfil destas universidades que sempre conquistaram boas avaliações para o curso de direito. As ações afirmativas contribuem para um corpo discente mais diversificado e não devem ser vistas como um ato de piedade com os alunos contemplados pelas cotas, pelo contrário”, enfatiza Marcelo Paixão. ■



feliz aniversário Ruth de Souza

Uma pequena mulher que ao subir em um palco se transforma em gigante.

Assim é a atriz Ruth de Souza

Ao completar 90 anos, Ruth de Souza presenciou fatos significativos na história do negro brasileiro. A importância do seu trabalho fez com que se tornasse um ícone para a maior parte dos novos nomes das artes cênicas do país. Batalhas, trabalho duro e principalmente muito talento fazem parte da receita de sucesso dessa que é uma das maiores atrizes do Brasil.

A graça e a ousadia a acompanharam por toda a vida. Nascida no Rio de Janeiro, em 1921, a atriz passou a maior parte da infância em Minas Gerais e só retornou ao Rio de Janeiro em 1930, aos nove anos. Já nessa época, ia ao cinema com a mãe, de quem sempre teve o incentivo cultural.

Criada entre as filhas de famílias importantes, com quem brincava e se relacionava, era sempre alvo de críticas e chacotas dos mais velhos que não entendiam como uma menina negra queria estudar piano e ser artista. Aluna de colégio de freiras, a atriz muitas vezes apanhou porque gostava de cantar e dançar, mas,

em resposta à ignorância gerada pelo preconceito, Ruth quebrou tabus e foi ser atriz.

Com apenas 17 anos, tem sua vida mudada ao ingressar no TEM, acompanhada do fundador Abdias do Nascimento. A interpretação da peça “Imperador Jones” fez de Ruth a primeira atriz negra a subir ao palco do Teatro Municipal Carioca.

Mas isso ainda era pouco para alguém que fazia do trabalho sua bandeira contra o preconceito e a discriminação racial. Após cinco anos de carreira, Ruth decide ir estudar nos Estados Unidos. Ali, estuda teatro, iluminação, sonoplastia, direção, cenografia, além de dirigir duas peças, concorrendo inclusive a um prêmio.

O retorno ao Brasil foi a retomada de uma carreira de sucesso: filmes, espetáculos e televisão. Crítica com relação à postura de algumas pessoas, Ruth deixa claro a sua própria quanto à questão do negro, ao dizer que a situação não melhorou muito, principalmente na dramaturgia, mas que o negro não pode ter medo e usar a negritude como des-

culpa para não vencer na vida.

Entre as conquistas da atriz está seu contrato com a Rede Globo de Televisão. Ruth acredita que a emissora respeita seu trabalho, mas que, mesmo assim, muitas vezes lhe falta espaço e atribui isso ao preconceito. Poucos comentam o fato de que em 1954 ela concorreu ao prêmio de melhor atriz, no Festival de Veneza, por seu papel em “Sinhá Moça”, e ficou em 2º lugar.

Em seus muitos anos de carreira, foram mais de 30 filmes, 30 telenovelas e 20 peças, todas com o talento e a vivacidade que lhe são característicos. Nas telas de cinema sua aparição em “As filhas do Vento”, do cineasta Joel Zito Araújo, no qual interpreta Cida, uma atriz solitária que reencontra a irmã após 45 anos lhe rendeu um Kikito como melhor atriz no Festival de Gramado, em 2004.

A maneira como encara a vida e como realiza seu trabalho, com certeza contribuem para que Ruth seja hoje considerada “a grande dama da dramaturgia brasileira”. ■



perfil

a mais
bonita
negra

Por Ivone Ferreira

Foto: 2011-09-13T033920Z_01_SAO365_RTRMDNP_3_TELEVISION-MISSUNIVERSE.jpg

No dia 12 de setembro, com o Credicard Hall lotado e 89 misses concorrendo ao 60º título de Miss Universo 2011, eis que chega o momento mais esperado, o da eliminatoria, e após tantas trocas de roupas, desfiles de vestidos longos, biquínis... chega o resultado, primeiríssimo lugar: Miss Angola !!! Leila Lopes desbancou as outras 88 mulheres, ocupando o posto de mulher mais linda do mundo.

Única negra a estar entre as finalistas é a quarta integrante do continente africano a vencer o concurso. A primeira vez foi em 1977, quando Janelle "Penny" Commissiong, de Trinidad & Tobago ganhou. Em 98, Wendy Fitzwillian, também de Trinidad levou o prêmio e em 99 a vencedora foi Mpule Keneilwe Kwelagobe, de Botsuana.

Para a atual miss universo um dos momentos mais estimulantes da noi-

“ Felizmente o racismo não me atinge. Acho que os racistas precisam procurar ajuda, não é normal em pleno século XXI ainda pensarem dessa forma. Devemos todos nos respeitar, independente da raça, do sexo e do meio social. //

te foi ter se consagrado entre as cinco finalistas. “Quando entrei no Top5 fi-

quei muito ansiosa. Era a primeira vez que meu país entrava e fiquei nervosa porque queria muito ganhar”, falou.

A vitória de Leila causou alvoroço nas redes sociais, os internautas se mostraram satisfeitos com a vitória da Angolana e muitos até afirmaram que estavam torcendo mais para a africana do que para a brasileira.

Imagine quantos milhares de meninas negras, mundo afora, dormiram mais felizes após o evento.

Leila falou sobre a questão do racismo no mundo. “Felizmente o racismo não me atinge. Acho que os racistas precisam procurar ajuda, não é normal em pleno século XXI ainda pensarem dessa forma. Devemos todos nos respeitar, independente da raça, do sexo e do meio social”, disse.

Conhecida em seu país como “diamante negro”, Leila tem planos quanto aos rumos que irá tomar em seu reinado. “Minha beleza vai aju-



Foto: path_651 - novinice.com

“ Minha beleza vai ajudar a todos. Vou lutar contra a AIDS, porque este é o principal projeto em Angola.”

Leila Lopes
Miss Universo 2011



Foto: Leila Lopes, New Miss Univers 2011 Winner - wallpaperstar.com

dar a todos. Vou lutar contra a AIDS, porque este é o principal projeto em Angola”, disse a Miss.

Leila Luliana da Costa Vieira Lopes, nasceu em Benguela em 26 de fevereiro de 1986 e é filha de pais cabo-verdianos. Apesar de agora deter o papel de Miss Universo, a rainha da beleza não dispensa o apetite. Afirmou em uma entrevista que adora os pratos típicos da terra, como kalulu (carne seca com fungo ‘purê de farinha de milho’), espinafre refogado com quiabo, mufetes (peixe com feijão, banana, mandioca e batata doce) e cabidela (arroz feito com sangue e ave).

Um passatempo que Leila Lopes não dispensa é uma boa dan-

ça no estilo kuduro. É fã de Usher, Will Smith, Alicia Keys e Naomi Campbell.

Apesar de ter nascido no país, a Miss Angola ainda não conhecia toda sua nação, porém desde que foi eleita para representar Angola, a miss já visitou as províncias de Huíla e do Bengo.

Em decorrência da participação no concurso, Leila Lopes teve de trancar sua faculdade que fazia em Londres, capital inglesa. A universidade não possui curso à distância, por isso a angolana teve de tomar a difícil decisão de trancar o curso de graduação de Gestão de Empresas durante este ano, até que saísse o resultado final do Miss Universo.

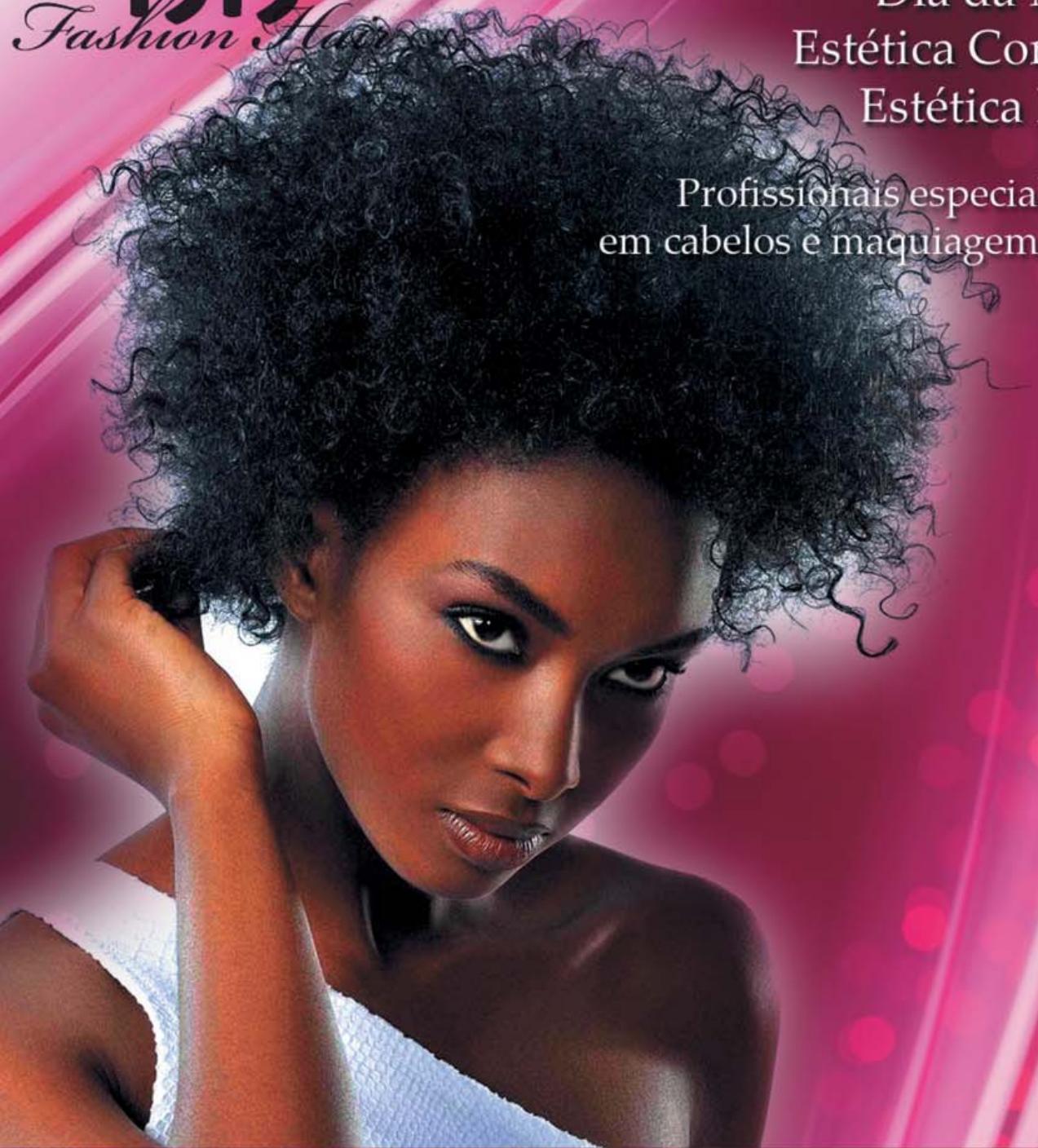
Depois do concurso, a mãe de Leila disse: “Meu amor, parabéns. Um beijão bem fofo... Grande, grande, grande, do tamanho da Angola, tá?”. Emocionada, Leila respondeu-lhe: “Oh, mãe, agora é do Universo, mãe! Agora é do Universo.”

Elas estavam em lugares diferentes e o diálogo foi feito na TV, por intermédio de duas repórteres, ao vivo. Ao que parece, Leila não ouviu direito o que a sua mãe disse, porém, Leila disse, sem querer, uma verdade: a vitória dela, não é só para o seu povo, mas para toda a humanidade, independente da cor, foi além das fronteiras de Angola e do mundo, é universal. ■

ÍSIS
Fashion Hair

Cabelo
Maquiagem
Dia da Noiva
Estética Corporal
Estética Facial

Profissionais especializados
em cabelos e maquiagem étnica.



Av. Luiz Dumont Villares, 400
Mercure Nortel
Tel. 11 2972.8111 Ramal. 8164

Rua dos Camarés, 125
Santana
Tel. 11 2909.4210 / 2218.1031

www.isisfashionhair.com.br

f orça feminina

Por Vivian Zeni

Três mulheres, duas negras e uma de origem árabe, ganharam o Prêmio Nobel da Paz 2011, pelos significativos feitos em seus respectivos países em prol dos direitos humanos e da democracia.

Três mulheres, duas negras e uma de origem árabe, ganharam o Prêmio Nobel da Paz 2011, pelos significativos feitos em seus respectivos países em prol dos Direitos Humanos e da Democracia.

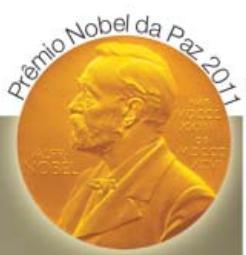
O prêmio, outorgado pelo Instituto Norueguês do Nobel, contemplou a Presidente da Libéria Ellen Johnson Sirleaf, de 72 anos, primeira mulher a assumir a presidência de um país africano. Sirleaf foi considerada pela Revista Forbes a africana mais influente do Continente. Dentre as mulheres mais poderosas do plane-

ta, Sirleaf ocupa a 62º posição na listagem da revista norte-americana.

A também liberiana Leymag Roberta Gbowee recebeu o prêmio por sua luta para acabar com as guerras civis que devastaram o país até meados de 2003. Gbowee uniu mulheres para orar pela paz, culminando até em greve de sexo, até que o regime instaurado por Charles Taylor as integrassem às negociações pela paz. Gbowee conta essas histórias no livro autobiográfico *"Mighty Be Our Powers: How Sisterhood, Prayer, and Sex Changed a Nation at War"* - ("Poderosos sejam

nossos poderes: como a comunidade de mulheres, a oração e o sexo mudaram uma nação em guerra").

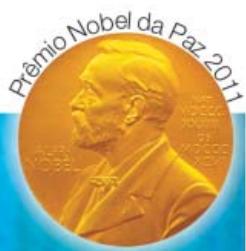
Foi contemplada ainda com o Nobel da Paz 2011 a jornalista iemenita Tawakkol Karman que representa o movimento de renovação dos países árabes. Aos 32 anos, Karman lidera o grupo de Direitos Humanos "Women Journalists without Chains" (Mulheres Jornalistas sem Correntes), e vem exercendo papel de extrema importância na luta contra o ditador do Iêmen, ali Abdullah Saleh e pelos direitos das mulheres. ■



Ellen Johnson Sirleaf - presidente da Libéria .

perfil

Foto: AFP



Leymag Roberta Gbowee - escritora.



perfil

Foto: AFP



Tawakkol Karman - jornalista.

O reduto dos Obama

Por Vivian Zeni

Cidade Natal da família Obama, Chicago oferece amplas possibilidades de lazer e cultura



17 de janeiro de 1964. Nascia em Chicago, estado de Illinois, a menina que se tornaria uma das suas filhas mais famosas. A matriarca de uma família que quebraria paradigm-

mas inspiraria afrodescendentes por todo o mundo, ajudaria a aquecer o turismo local e relembrar a história de luta dos negros daquela região. A mulher em questão é nada mais

nada menos que Michelle La Vaughn Robinson Obama, esposa do presidente americano Barack Obama, considerada uma das primeiras-damas mais influentes do planeta.



Nascida e criada em um bairro negro de Chicago, Michelle não nega seu carinho pelo lugar em que nasceu e cresceu. Durante a candidatura da cidade para os Jogos Olímpicos de 2016, fez questão de estar presente na apresentação oficial, em 2009, na Dinamarca. "Não tenho dúvidas de que Chicago ofereceria ao mundo uma organização fantás-

tica para estes jogos históricos e espero que a tocha olímpica tenha a chance de brilhar em minha cidade natal", disse a primeira-dama.

Apesar de ter perdido para o Rio



Vista do Willis Tower, antigo “Sears “Tower”.

Foto: Matt Thompson / sxc.hu



Parque a céu aberto “Millenium Park”.

Foto: © Agnieszka Szymczak - iStockphoto



Vista da escultura “Cloud Gate” também conhecido como The Bean (O Feijão).

Foto: Marise Alvarez / sxc.hu

de Janeiro, Chicago sem sombra de dúvidas seria cenário incrível para qualquer evento, esportivo ou não. Banhada pelo famoso Lago Michigan, Chicago é o terceiro maior centro urbano dos Estados Unidos da América – perdendo somente para Nova Iorque e Los Angeles. Foi considerada também a capital negra dos Estados Unidos da América por muitos anos e foi palco da ascensão de classe média negra americana.

Exemplo de toda magnitude e diversidade cultural de Chicago é o bairro conhecido como “The Loop”, no coração da cidade. Lá está o famoso “Willis Tower” (antigo “Sears “Tower”), atualmente o maior prédio dos Estados Unidos, com 108 andares. A maior atração do prédio, que recebe milhares de visitantes todos os anos, é o ‘skydeck’, de onde é possível ter uma visão privilegiada da cidade, subúrbios de Chicago e os estados de Indiana e Winsconsin. O ‘skydeck’ construi recentemente um quadrado de vidro, onde o piso também é de vidro. Por ser um espaço suspenso nas laterais do prédio, você tem a impressão de estar caminhando sobre a cidade.

O Loop ainda abriga o prestigiado “Millenium Park”, parque a céu aberto dotado de imensa área verde e um sem número de museus de arte, universidades, casas de show e obras de arte a céu aberto. Um exemplo é o “Cloud Gate”, também conhecido como The Bean (O Feijão), uma escultura em formato de feijão gigante que atrai milhares de turistas todos os anos. Faz parte ainda do Millenium Park o “Navy Pier”, que além de ser um porto abriga também famosos parques de diversão. O porto abriga dezenas de restaurantes,

bicicletas para aluguel, passeios de barcos, cruzeiros no lago com jantar ou almoço, táxi aquático, venda de souvenires, roda gigante, teatro, cinema em 3D com tela de 22 metros de altura, shows e etc.

O “Jay Pritzker Pavilion”, é um auditório ao ar livre. No verão a cidade oferece shows gratuitos para a população.

“Crown Fountain” é outro projeto arquitetônico do parque, e nada mais é do que duas torres de pedra de 15m de altura. O grande diferencial é que essa estrutura transmite, como numa espécie de televisor, imagem do rosto de habitantes de Chicago. Essas imagens sorriem para o público, e depois de alguns minutos os “personagens” abrem a boca, e joram água, formando uma espécie de chafariz.

Chicago possui museus para todos os gostos e interesses. São mais de 50 museus espalhados pela cidade. Entre eles estão o Museu de Arte contemporânea, Planetário, Aquário, Museu da Criança, Museu da Ciência e Indústria, Museu de História, Museu da Policia Americana, Museu Polonês e Museu da Paz. Dentre os dedicados à cultura negra está o prestigiado The Du Sable - Museum of African American History, que reúne vasto arquivo sobre a contribuição do negro na construção do país.

Debandada negra: em busca de melhores condições de vida

Com a chamada “grande migração”, no início do século 20 (período em que negros do Sul do país fugiam das áreas castigadas pela segregação racial), Chicago passou a ser a capital negra do país por muitos

Foto: © Noel Powell | Dreamstime.com



Vista do porto “Navy Pier”.

Foto: © Nikittta | Dreamstime.com



Auditório “Jay Pritzker Pavilion”.

Foto: © Fotoluminate | Dreamstime.com



Vista do “Crown Fountain”.



Barcos de turismo pelo Chicago River.

anos. Talvez por isso, Chicago rapidamente tenha se tornado um reduto de música negra de boa qualidade e conhecido mundialmente por festivais de jazz e blues de altíssima qualidade.

Possui também excelentes restaurantes da chamada “soul food” típicas dos estados do Sul do país, a população negra em Chicago chegou a ser de mais de um terço da população. Nos últimos 10 anos, porém, Chicago perdeu cerca de 17% de sua população negra.

Em 2010, estudo realizado pelo EUA Censo Bureau tirou o título de Chicago, que agora está em terceiro lugar no número de população negra no país, tendo sido superado por Atlanta, Georgia, e New York. Só no inicio do ano de 2011, 180 mil afro-americanos deixaram Chicago com destino as áreas promissoras do país, como Geórgia, Texas, Califórnia, Nevada e Arizona. A população de Chicago caiu 6,9 por cento, para 2.695.598 pessoas de acordo com o Wall Street Journal. ■

Foto: Stanhjeep/sxc.hu



Museu African American History.

Foto: Fabiola de La Paz/sxc.hu



Museu Art Institute of Chicago.

Afrobrasnews

FINALMENTE, TODOS OS LADOS DA HISTÓRIA.

Em mais uma iniciativa pioneira, a Afrobras apresenta sua agência internacional de notícias, a Afrobrasnews, um canal exclusivo, com informações sobre o negro e seu universo de interesses, que cobre o noticiário do Brasil e do mundo. Promovendo a diversidade, a independência e a informação plural e atualizada, a Afrobrasnews é um espaço único, voltado à difusão de notícias voltadas a todos que apóiam a luta do negro brasileiro pela igualdade, educação e justiça social. Junte-se a nós. E conheça todos os lados dessa história.

afrobrasnews

Agência Internacional de Notícias

www.afrobrasnews.com.br

Iniciativa:





Machado assis

*Por Rosenildo Gomes Ferreira

Prestes a completar 50 anos, eu comecei a atuar como jornalista em 1984, na época em que o fax operava “milagres” nas comunicações. Hoje, em plena era das mídias digitais, soa estranho quando ouço alguém perguntar qual é o número do fax da empresa na qual trabalho. Apesar de ter entrado de cabeça na era da internet, levei muito tempo para acreditar no poder de mobilização das chamadas ferramentas sociais. Dobrei-me à força deste instrumento somente após a eclosão das revoltas populares no Irã, na Tunísia, no Egito, no Marrocos e a que está em curso na Síria. Em todos estes casos, o Twitter e o SMS serviram para aglutinar as pessoas em torno de uma causa.

No Brasil, o Facebook, o Twitter, o Orkut e outros dispositivos usados para conectar pessoas em fração de segundo também têm servido como

elemento catalisador na defesa de causas variadas. O que começou com um propósito, digamos, recreativo, como os chamados Flash Mobs - que não passam de performances em locais públicos -, deu lugar a um importante canal para disseminação de ações em favor da promoção da cidadania. Um episódio marcante é a campanha contra a corrupção, que começou a ganhar força no último feriado de Sete de Setembro e vem sendo realizada em datas cívicas, sempre tendo como ponto catalisador a internet. Mas não precisamos ficar à espera de movimentos cívicos de grande porte para manifestarmos nossa opinião.

Neste prestigioso espaço, no qual escrevo mensalmente desde a edição de número zero, já discorri sobre a importância de usarmos os meios de comunicação como veículos para ex-

pressarmos nossa indignação e também cobrarmos providências. Do poder público e das empresas privadas. Tanto falei que resolvi sair do casulo e “dar a cara para bater”. Isso aconteceu no caso do equivocado comercial produzido pela agência paulistana Borghierh/Lowe para a Caixa Econômica Federal (CEF). Nele, o escritor Machado de Assis era representado por um ator branco.

Na manhã de quarta-feira 14 de setembro, fiz uma rápida pesquisa no Youtube e no Facebook, e descobri que já havia um zum-zum-zum a este respeito. Decidi, então, escrever um *post* sarcástico no Facebook, criticando a ofensa perpetrada (por má-fé, ignorância ou ingenuidade) por um banco público e sua agência de propaganda. Por fim, conclamei os amigos do mundo virtual e real a protestarem contra tamanho disparate



<http://www.facebook.com/profile.php?id=100000518438419#!/messages/?action=read&tid=id.226558677404306>.

Para minha grata surpresa, cidadãos de diversas etnias, moradores de São Paulo, do Rio de Janeiro e Brasília, aderiram à manifestação de repúdio. O mais incrível é que muita gente que havia apenas desconfiado de que havia algo errado na peça publicitária, passou a ter certeza, quando assistiu inúmeros vídeos-denúncia postados no Youtube repudiando o comercial <http://www.youtube.com/watch?v=10P8fZ5I1Wk&feature=share>

Por volta das 13h o prestigiado jornalista Lauro Jardim, titular da coluna Radar, de *Veja*, entrou no debate. <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/brasil/negros-redamam-de-machado-de-assis-branco-em-comercial-da-cef/>>

machado-de-assis-branco-em-comercial-da-cef/.

Coincidência, ou não, no dia seguinte o assunto, finalmente, ganhou as páginas dos jornais. O que acabou tornando inviável a manutenção de tamanha agressão à comunidade negra, em particular, e à cidadania brasileira, em geral. Resultado: após explicações genéricas do autor da peça, a CEF decidiu retirar o comercial do ar. Na segunda-feira 10 de outubro, a peça voltou a ser exibida. Desta vez, a agência fez o dever de casa: contratou um ator afrodescendente para interpretar Machado de Assis!

Essa história deixa algumas lições importantes: se a agência tivesse feito sua lição de casa, o óbvio não teria exposto seu nome neste triste episódio. A CEF, como banco público, de-

veria ter um “olhar mais cidadão” em suas ações cotidianas. Além disso, o episódio evidencia que existe um espaço, de custo quase zero, para que os cidadãos gritem contra as injustiças. Quer sejam elas perpetradas por agentes públicos ou privados. A denúncia, no mundo real ou virtual, serve, na pior das hipóteses, para tirar os transgressores da “zona de conforto” e expor suas ações ao escrutínio da opinião pública. Neste caso, vale parafrasear a máxima cunhada por Hugo Black, juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos: “A Mídia Social Pode Ser Um Poderoso Detergente Tanto Quanto a Luz do Sol!” ■

*o autor é jornalista e atua como editor-assistente de Negócios e colunista de Sustentabilidade na revista *Istoé DINHEIRO*.

um dia para reforçar

**Por Luiz Inácio Lula da Silva*

a consciência afro-brasileira

Uma dos momentos que mais me emocionou enquanto exerci a presidência ocorreu em 2007, em uma visita à Ilha do Gorée, no Senegal, quando conheci um forte que era porta de saída para levar africanos capturados para trabalhar como escravos na América. Ali há um lugar chamado “A Porta do Nunca Mais”,

onde os capturados eram separados – crianças, mulheres, homens – e ficavam presos durante vários dias, até encostar um navio negreiro. Quando eles saíam por aquela porta e olhavam para o mar, sabiam que jamais voltariam ao seu país. Iriam para os Estados Unidos, iriam para Cuba e para outros países. Vinham para o

Brasil, trabalhar num mundo desconhecido e para desconhecidos, os senhores de engenho. Vinham para cá, e explorados, sem direito algum, construíram o nosso país.

Temos que olhar para a África e refletir sobre os fatores que dificultaram o desenvolvimento desse continente. Lembrar que, durante 300





afirmativo

Foto: © Claus Mikosch | Dreamstime.com

anos, jovens, homens e mulheres, reis e rainhas de diversas regiões foram trazidos de suas terras e aqui transformados em escravos.

Agradeço pela contribuição que a África deu ao Brasil. Não agradeço à escravidão, ao fato dessa imigração ter sido forçada, cheia de sofrimento. Mas agradeço aos diferentes povos que vieram para cá e que, mesmo vivenciando diferenças culturais, conseguiram formar uma nova família, e fizeram nosso país.

Aqui, contribuíram para a criação de um povo extraordinário, de uma riqueza cultura invejável.

Um povo que começou, nos últimos anos, a reparar injustiças históricas e explorar seu potencial. A contribuição imensa que a África deu ao Brasil não pode ser indenizada e muito menos reparada por nenhum dinheiro do mundo. Apenas a solidariedade é capaz de retribuir e nos reproximar do continente africano, uma aproximação com benefícios mútuos. Por isso abrimos embaixadas, visitei muitos países pela primeira

vez, e criamos a Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira, em Redenção, no Ceará, com metade do corpo discente de alunos brasileiros, metade de africanos, para promover esse reencontro e essa união de forças entre Brasil e África.

Mas, como no samba de Paulinho da Viola, quando olhamos para o futuro, não podemos nos esquecer do passado. No nosso país, por muitos anos a história não foi contada como deveria. Por isso, um dos meus primeiros atos como presidente, em janeiro de 2003, foi a lei 10.639, que incluiu o dia 20 de novembro no calendário escolar, e tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Não era possível que o Brasil continuasse ignorando a história da África, porque ela também é parte da nossa história.

Como também era preciso enfrentar as injustiças, as desigualdades, o preconceito, que sofriam uma parcela da população brasileira. Enfrentamos polêmicas no debate so-

bre as cotas nas universidades. Sofremos críticas pelo Estatuto da Igualdade Racial e por outras iniciativas que fizemos para avançarmos no combate ao racismo no Brasil.

Um programa como o ProUni, que já beneficiou 912 mil estudantes, em sua maioria vindos da escola pública, da periferia das grandes cidades, abre uma porta de oportunidades que aqueles que foram excluídos ou vítimas de preconceitos aproveitam com toda a garra. O Brasil começa a oferecer as chances que por tantas gerações não foram dadas aos afro-brasileiros.

O caminho para sermos um país com igualdade racial ainda é longo. Os movimentos devem seguir lutando por mais conquistas, porque são muitos os desafios. E nesse trajeto, tenho certeza que a presidente Dilma Rousseff tem o mesmo compromisso em construir este Brasil mais justo, com mais igualdade. ■

*Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente da República do Brasil.

Consciência se constrói com educação.

Fundada em 1997, a Afrobras é o resultado do idealismo e esforço de um grupo de cidadãos de todas as raças, formado por intelectuais, autoridades, personalidades, empresários, estudantes e trabalhadores, que tem por objetivo promover a inserção socioeconômica, cultural e educacional dos jovens negros na sociedade brasileira.

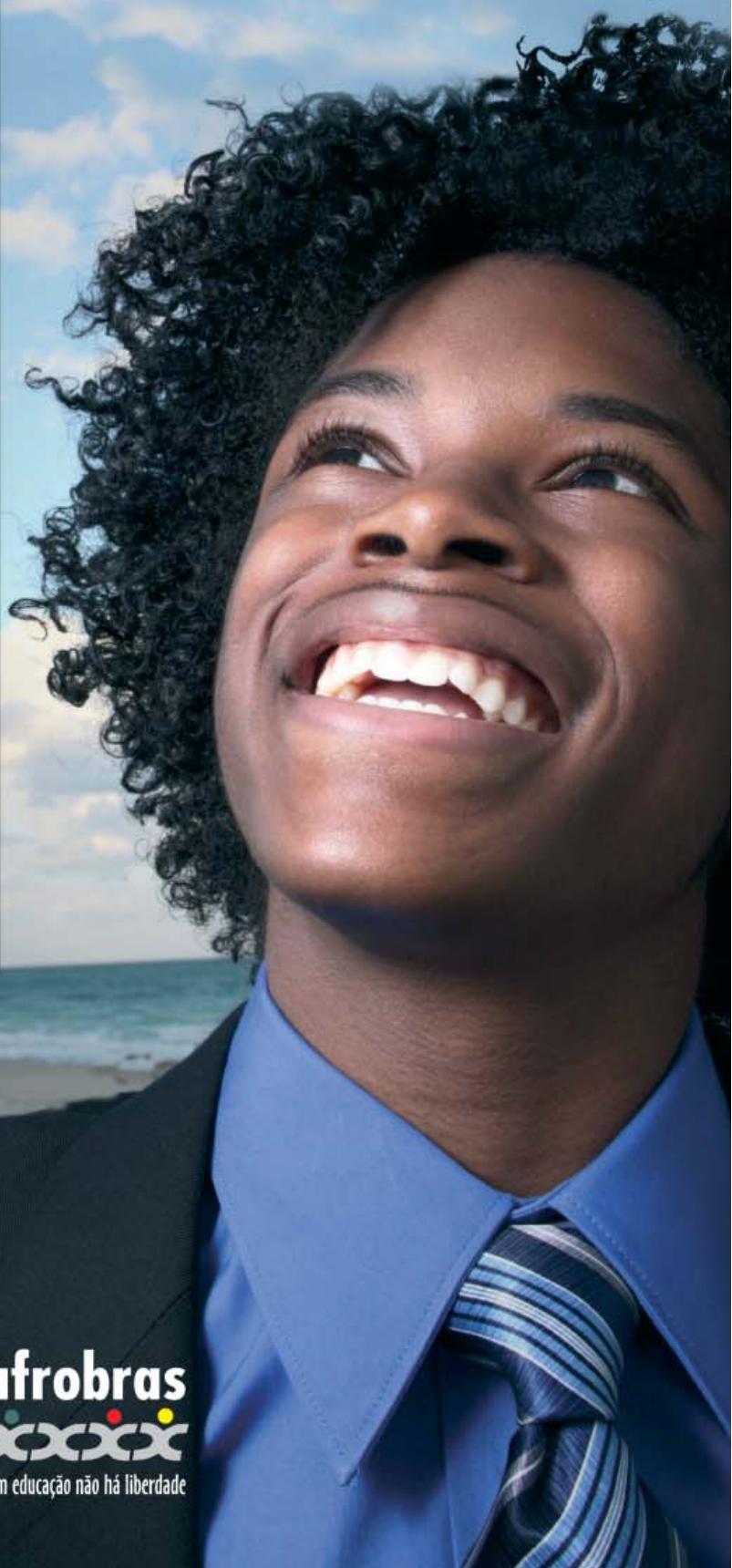
Desenvolvendo atividades de informação, formação, capacitação, qualificação e assessoria técnica, jurídica e política, a Afrobras destaca-se hoje como referência na busca de valorização e afirmação do negro brasileiro.

Entre suas inúmeras atividades, merecem destaque a **Faculdade Zumbi dos Palmares**, o **Colégio da Cidadania Zumbi dos Palmares**, a agência internacional de notícias **Afrobrasnews**, a revista **Afirmativa Plural**, o programa **Negros em Foco**, o **Troféu Raça Negra** e a **Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro**.

Até agora foram apenas 13 anos ajudando a mudar uma história de quase 4 séculos. Sabemos que o caminho a percorrer ainda é longo, mas ele está cada vez mais livre. E plural.

Saiba mais. Acesse www.afrobras.org.br

futura



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

afrobras

Sem educação não há liberdade



Wangari Maathai (01-04-1940 • 26-09-2011)

O mundo perdeu em setembro um dos grandes nomes da luta em prol do desenvolvimento sustentável, Paz e Democracia. Vítima do câncer, a queniana Wangari Maathai faleceu aos 71 anos.

Maathai foi um exemplo da tão conhecida força da mulher negra. Divorciada, mãe de três filhos, a Bióloga foi a primeira mulher a obter um título de doutorado na África Central e Oriental. Na década de 70, destacou-se por sua luta em favor de questões ecológicas no Quênia e em 1977 fundou o Green Belt Movement (Movimento Cinturão Verde), cujo

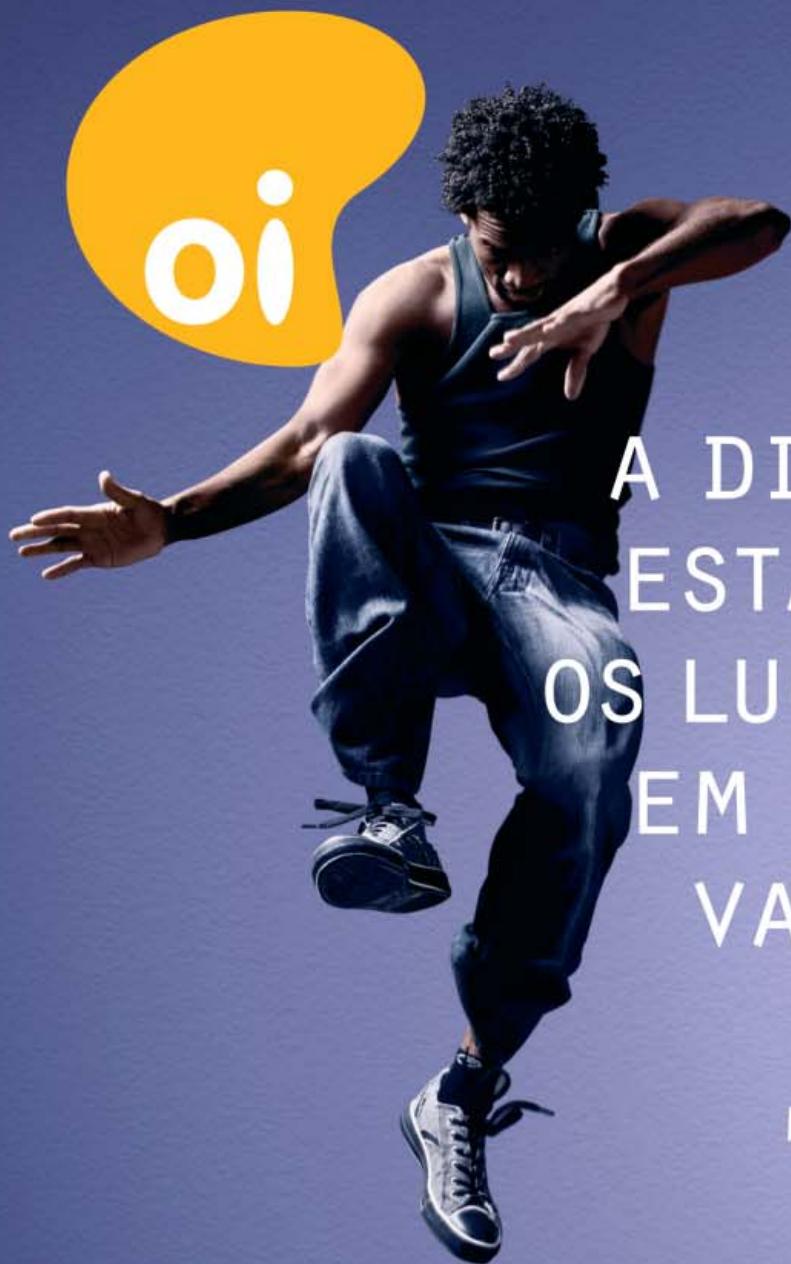
objetivo é promover a biodiversidade e, ao mesmo tempo, criar empregos para as mulheres. Dentre outras importantes iniciativas, o Green Belt incentivou as comunidades locais a criarem viveiros e plantarem árvores em terrenos públicos, zonas florestais degradadas e propriedades privadas. Desde seu surgimento, o Green Belt plantou cerca de 40 milhões de árvores no Quênia.

Ainda na década de 70 dirigiu a Cruz Vermelha queniana e dedicou-se a combater o regime autoritário do então presidente de seu país, Daniel Arap Moi, o que lhe rendeu inciden-

tes com a polícia e algumas prisões.

Em 1987, o Green Belt expandiu sua área de atuação e através do Pan African Green Belt Network (Rede Panafricanista Cinturão Verde) passou a atuar também em países como Tanzânia, Uganda, Etiópia, Zimbábwe e Lesoto.

Entre os anos de 2003 e 2005, com a eleição de Mwai Kibaki, assumiu a secretaria de Estado do Meio Ambiente. Em 2004, bateu um novo recorde. Foi a primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz por seu importante trabalho ecológico e social. ■



A DIVERSIDADE
ESTÁ EM TODOS
OS LUGARES. MAS,
EM NOVEMBRO,
VAI ESTAR NO
OI FUTURO.
MÊS DA CONSCIÊNCIA
NEGRA. NÃO PERCA.

A Oi sempre apoia e incentiva a diversidade cultural. E, aproveitando que em 20 de novembro é comemorado o Dia da Consciência Negra, o Oi Futuro Ipanema vai dedicar o mês inteiro à cultura negra. Confira a programação no site oifuturo.org.br



O MUNDO NUNCA É GRANDE
DEMAIS PRA QUEM
TEM CONHECIMENTO.



O Oi Futuro está completando 10 anos. Nesse tempo, muita coisa boa aconteceu. A Oi levou internet para mais de 47 mil escolas públicas por todo o Brasil e o Oi Futuro transformou tudo isso em educação para milhões de jovens. Porque internet mais conhecimento é igual a futuro. Oi Futuro.

